



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

DANIELA MARIA LADEIRA REIS

RELAÇÃO PAIS E FILHOS ADOLESCENTES
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO
SOBRE O OLHAR DOS ADOLESCENTES

Salvador
2014

DANIELA MARIA LADEIRA REIS

**RELAÇÃO PAIS E FILHOS ADOLESCENTES
NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO
SOBRE O OLHAR DOS ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Miriã Alves Ramos
de Alcântara

Salvador
2014

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

R375 Reis, Daniela Maria Ladeira.

Relação pais e filhos adolescentes na sociedade contemporânea: um estudo sobre o olhar dos adolescentes/ Daniela Maria Ladeira Reis. – Salvador, 2014. 74 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Miriã Alves Ramos de Alcântara.

1. Adolescente - Sociedade contemporânea 2. Perspectiva dos filhos - Relação pais e filhos I. Título.

CDU159.922.8:316.356.2

TERMO DE APROVAÇÃO

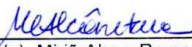
Daniela Maria Ladeira Reis

“Relação pais e filhos adolescentes na sociedade contemporânea: um estudo sobre o olhar dos adolescentes”


Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 24 de fevereiro de 2014.

Banca Examinadora:



Dr(a). Miriã Alves Ramos Alcântara- UCSal
Orientador (a)



Dr (a) Gilberto Lima dos Santos - UNEB



Dr (a). Lúcia Vaz de Campos Moreira- UCSal

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente aos meus filhos Lucas, Roberto e Vitor, meus amores, que me impulsionam a cada dia a ampliar minhas reflexões e conhecimentos, para melhor exercer a maternidade. Por quem estou sempre em busca de legitimar meus pontos fortes e fortalecer meus pontos fracos, para dar sempre os melhores exemplos. Agradeço a forma carinhosa e afetuosa de relacionarem-se comigo, a atenção, compreensão e incentivo durante os dois anos em que estive envolvida com o mestrado. Expresso aqui, o meu amor incondicional.

Ao meu amado marido, Roberto Reis, incansável em apoiar os meus projetos e o meu crescimento. Companheiro em todos os momentos de minha vida, presente na educação dos nossos filhos, com quem venho construindo há 20 anos uma relação em bases sólidas, pautada em tolerância, sintonia, respeito e amor.

Aos meus pais, Raimundo Ladeira (*in memoriam*) e Ignez Ladeira, grandes responsáveis pela formação de meu caráter e de minha personalidade, por terem exercido com tanto afinho e amor a parentalidade e pela transmissão dos valores que fizeram de mim a pessoa que sou.

À minha avó Marina (*in memoriam*) que cuidou de mim desde criança e que foi meu “braço direito” durante muitos anos de minha vida, que não me dispensou cuidados, afeto, carinho, enfim, durante todo o período em que estive nesta vida, exerceu o papel de mãe para comigo.

Aos meus irmãos (Telma, Maximino, Anfrísio, Theyla e Janaina) pelo incentivo, disponibilidade e o laço de vínculo e amor que permeia nossas relações.

Às minhas amigas Almerinda Luedy Reis e Mayle Reis Montargil, pela amizade saudável que complementa a minha vida e os diversos momentos de apoio e descontração que me deixaram mais leve e me retro-alimentaram para eu seguir em frente.

À minha querida orientadora, professora Dra. Miriã Alves Ramos de Alcântara, por compartilhar comigo os seus “ricos” conhecimentos, pela disponibilidade, pelos empréstimos dos livros, pelas apreciações ao meu texto, pela postura assertiva, pelo apoio às dificuldades encontradas no âmbito da realização da pesquisa e por manter comigo um diálogo flexível entre orientadora e orientanda. Muito obrigada, você é parte do meu crescimento!

Aos meus professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Família na Sociedade Contemporânea.

Aos pais que permitiram a participação dos seus filhos neste estudo e a todos os adolescentes que se disponibilizaram a participar, e também, os que indicaram outros adolescentes. Sem vocês, este estudo não seria possível.

Às coordenadoras das instituições as quais muitos dos adolescentes participantes estudam e através das quais foi possível realizar grande parte das entrevistas.

A todos que contribuíram para a realização deste estudo.

E, acima de tudo, a Deus, a quem eu me amparo em todos os momentos da minha vida.

Tu me perguntaste recentemente por que afirmo ter medo de ti. Eu não soube, como de costume, o que te responder, em parte justamente pelo medo que tenho de ti, em parte porque existem tantos detalhes na justificativa desse medo, que eu não poderia reuni-los no ato de falar de modo mais ou menos coerente. [...] Procuro responder-te aqui por escrito [...] Sacrificaste tudo pelos teus filhos, e, sobretudo, por mim, enquanto eu “vivi numa boa” por conta disso, gozei de toda a liberdade para estudar o que bem quisesse, não precisei ter nenhuma preocupação com meu sustento e portanto nenhuma preocupação, fosse qual fosse, não exigiste gratidão em troca disso, tu conheces “a gratidão de teus filhos”, mas pelo menos um pouco de boa vontade, algum sinal de simpatia, em vez disso eu sempre me encafuei de ti em meu quarto, com meus livros, com amigos malucos, com ideias extravagantes; falar de maneira aberta contigo eu jamais falei [...] Essa tua maneira usual de ver as coisas eu só considero certa na medida em que mesmo eu acredito que não tenhas a menor culpa em nosso alheamento. Mas também eu não tenho a menor culpa. [...] Disseste há algum tempo: “eu sempre gostei de ti, mesmo que na aparência eu não tenha te tratado como outros pais costumam tratar os filhos, justamente porque não sei fingir como eles.” Ora, pai, no que diz respeito a mim, jamais cheguei a duvidar de tua bondade para comigo, mas considero esta observação incorreta. Tu não consegues fingir, é verdade, mas afirmar, apenas por este motivo, que os outros pais fingem é ou pura mania de mostrar razão a fim de acabar com a discussão ou – é isso que de fato acontece, na minha opinião – a expressão disfarçada de que as coisas entre nós não estão em ordem e de que tu ajudaste a provocá-las, mas sem culpa. Se de fato pensas assim, então estamos de acordo.

Franz Kafka

REIS, Daniela Maria Ladeira. **RELAÇÃO PAIS E FILHOS ADOLESCENTES NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: UM ESTUDO SOBRE O OLHAR DOS ADOLESCENTES**. 74f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) Universidade Católica do Salvador (UCSAL), 2014.

RESUMO

Este estudo partiu do questionamento acerca da forma como os filhos percebem o comportamento de seus pais desde o momento em que entram na adolescência. Visando responder a este questionamento, teve como objetivo geral compreender as narrativas dos adolescentes acerca da relação com os pais, considerando camada social e gênero. Os objetivos específicos foram: 1. Identificar e descrever a forma como os adolescentes interagem com diversos contextos de socialização; 2. Caracterizar o modo como o adolescente retrata suas relações com as figuras parentais; 3. Comparar as narrativas de adolescentes segundo camada social e gênero. Participaram deste estudo 30 adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos, sendo 15 de camada popular e 15 de camada média. Dentre os participantes de camada popular, sete do gênero feminino, com média de idade 15 anos e oito do gênero masculino, com média de idade 16 anos. Entre os participantes de camada média, oito do gênero feminino e sete do gênero masculino, com média de idade de 16 anos. Os adolescentes de camada popular são estudantes de uma escola de ensino fundamental da rede pública municipal da cidade de Salvador e de uma escola profissionalizante que desenvolve projeto de qualificação profissional visando a inserção no mercado de trabalho. Os adolescentes de camada média são estudantes de escolas da rede privada. Foi realizada entrevista em profundidade com duas perguntas disparadoras do processo de narração. O tratamento dos dados foi realizado através de análise de narrativas, com identificação de eixos discursivos e respectivas dimensões, através do método hermenêutico-dialético. Os eixos e dimensões elencados foram: sociabilidade (identidade; liberdade; temporalidade e discriminação) e intergeracionalidade (monitoramento; afeto e atenção). Os resultados gerais revelaram que a forma como os adolescentes interagem nos diversos meios de sociabilidade, configura-se como ponto de partida para a compreensão das relações entre pais e filhos. Os adolescentes reconhecem que possuem vitalidade para vivenciar uma fase que consideram muito boa e, que, portanto deve ser aproveitada intensamente. O intercâmbio entre os valores recebidos na família e aqueles concebidos a partir da relação com os pais cria certo desconforto entre as duas gerações. Não há diálogo entre pais e filhos e os pais não compreendem os filhos no âmbito de suas necessidades subjetivas. Faltam momentos de lazer e integração entre pais e filhos. Os pais estão atentos aos aspectos concretos da vida dos filhos, mas não percebem suas necessidades subjetivas. Os conflitos entre pais e filhos são mediados com naturalidade, exceto em casos de fragilidade no afeto e vínculo. A família exerce papel importante na mediação entre pais e filhos, sendo tios e avós apontados como mais próximos e propensos a suprir, de certa forma, as demandas de natureza moral e emocional dos adolescentes. Conclui-se que há uma lacuna referente a afeto, atenção e confiança dos pais para com os filhos, o que influencia em conflitos entre estas duas gerações que merece ser investigada em estudos posteriores.

Palavras-chave: Adolescente; relação pais e filhos; perspectiva dos filhos.

REIS, Daniela Maria Slope. **RELATIONSHIP PARENTS AND CHILDREN TEENS IN CONTEMPORARY SOCIETY: A STUDY ON THE LOOK OF TEENAGERS.** 74f. Dissertation (Master in Family in Contemporary Society) Catholic University of Salvador (UCSAL), 2014.

ABSTRACT

This study it left of the questioning concerning the form as the children perceive the behavior of its parents since the moment where they enter in the adolescence. Aiming at to answer to this questioning, it had as objective generality to analyze the narratives of the adolescents concerning the relationship between parents and children, being considered social class and genre. The specific objectives had been: 1. To identify and to describe as the adolescent perceive its interactions with the diverse scopes of the society; 2. To understand the way as the family is portrayed in the narratives of the adolescent concerning its own trajectory; e 3. To argue the narratives of the adolescents according to social class and genre. The study included 30 adolescents aged 12-18 years, 15 to 15 popular tier and middle-tier. Amongst the participants of the popular layer, seven are of the feminine sort with age average 15 years and eight of the masculine sort, with age average 16 years. It enters the participants of average layer, eight of feminine sort and seven of the masculine sort, with age average 16 years. The adolescents of popular layer are students of a public school of basic education of the Salvador city and of a professionalizing school that develops a project of professional qualification aiming at the insertion in the work market. The adolescents of middle class are students of private schools. In-depth interview was conducted with two key issues of the narration process. Data analysis was performed by analysis of narratives, identifying the meaning and category through the dialectical-hermeneutical method, according to the axes and their dimensions listed: sociability (identity, monitoring, temporality and discrimination) and between generations (freedom; care and attention). The general results had disclosed that the form as the adolescents interact in the diverse ways of sociability configure themselves as starting point for the understanding of the relations between parents and children. The adolescents recognize that they have vitality to live deeply a phase who consider very good and, that, therefore, must be used to advantage intensely. The interchange enters the received values in the family and those conceived from the relation with the pairs creates certain discomfort between the two generations. There is not dialogue between parents and children and the parents do not understand their children in the scope of its necessities. The moments of leisure and integration between parents and children are rare. The parents are intent to the concrete aspects of the life of the children, but they do not perceive its subjective necessities. The conflicts between parents and children are mediated with naturalness, except in cases of fragility in the affection and bond. The family exerts an important paper in the mediation between parents and children. Uncles and grandparents are the closest as to supply, of certain form, the demands of moral and emotional nature of the adolescents. Is concluded that there is a referring gap the affection, and confidence of the parents in their children, what it influences in the conflicts between these two generations that it deserves to be investigated in posterior studies.

Keywords: Adolescent, parents and children relationship, perspective of the children.

SUMARIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 10 |
| 1.1 ADOLESCÊNCIA NOS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS | 14 |
| 1.2 RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NA FAMÍLIA EM MUDANÇA | 19 |
| 2 ADOLESCÊNCIA, RELAÇÃO PAIS E FILHOS: REVISÃO DE LITERATURA | 22 |
| 3 PERCURSO METODOLÓGICO | 28 |
| 3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA | 28 |
| 3.2 CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO | 29 |
| 3.3 PARTICIPANTES E CRITÉRIOS DE ESCOLHA | 30 |
| 3.4 INSTRUMENTOS | 31 |
| 3.5 ANÁLISE DE DADOS..... | 32 |
| 3.6 QUESTÕES ÉTICAS | 34 |
| 4 SER ADOLESCENTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA..... | 35 |
| 4.1 IDENTIDADE | 36 |
| 4.2 LIBERDADE | 41 |
| 4.3 TEMPORALIDADE..... | 45 |
| 4.4 DISCRIMINAÇÃO..... | 49 |
| 5 RELAÇÃO PAIS E FILHOS ADOLESCENTES..... | 52 |
| 5.1 MONITORAMENTO | 52 |
| 5.2 AFETO..... | 56 |
| 5.3 ATENÇÃO..... | 59 |
| CONCLUSÕES..... | 65 |
| REFERÊNCIAS | 68 |
| APÊNDICES | 72 |
| APÊNDICE A - Instrumento de entrevista | 72 |
| APÊNDICE B - TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido | 73 |

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo teve como unidade de análise as relações pais e filhos na perspectiva de adolescentes de diferentes gêneros socioeconômicos de Salvador. A inserção e o pertencimento a redes de relações expressam a forma como os adolescentes se percebem na sociedade contemporânea. Portanto, as narrativas construídas acerca das relações pais e filhos inserem-se na teia de significados sobre o sentido de ser adolescente hoje e do exercício da cidadania em um grande centro urbano. Tais significados são mediados e moldados pelo pertencimento a uma determinada camada social e ao gênero.

O modo como os adolescentes percebem e lidam com as mudanças desenvolvimentais da adolescência são analisados a partir do pressuposto de que o desenvolvimento se dá em uma delicada interação entre os âmbitos de socialização, referidos na biografia individual, e consolidados na história social. (SCABINI; RANIERI, 2011; BRONFENBRENNER, 1996) Interação nesse processo histórias individuais, inovações psicossociais, metas socialmente partilhadas enquanto recursos do contexto.

Do ponto de vista do adolescente, as inúmeras mudanças de caráter biopsicossocial por que passa, podem ser acompanhadas por vários conflitos internos, decorrentes da busca incessante por autonomia e protagonismo; da tendência à desconstrução de valores e crenças adquiridos na família e reconstrução de novos ideais a partir da interação com seus pares. (LERNER, 2006)

Percebe-se que, em geral, na infância, os pais exercem significativa influência na educação, identidade e personalidade dos filhos. Na adolescência, esta influência parece ficar vulnerável diante do leque de possibilidades de novas experiências oferecidas pelo contexto social, principalmente no que se refere aos grupos de iguais.

A subjetividade constrói-se na interação com artefatos culturais que promovem nova percepção de si, do outro e do mundo. (LERNER, 2006; BRONFENBRENNER, 1996) Na adolescência, o sujeito encontra-se em constante intercâmbio com outros agentes e ao mesmo tempo em que constrói um mundo, é construído por ele. As transformações de caráter biológico ocorrem em consonância com mudanças sociais sem precedentes relativas às exigências da vida nas grandes cidades, ao progresso científico, tecnologia, comunicações, e novas aspirações humanas. Pode-se dizer que muito além das mudanças de natureza biológica, “[...] a adolescência é influenciada pelo ambiente familiar, social e cultural onde o

indivíduo se desenvolve.” (CAMPOS, 1998, p. 28) Portanto, a subjetividade, identidade e personalidade do adolescente estão diretamente relacionadas aos vínculos formados com seus familiares e ao contexto social em que estão inseridos. (CAMPOS, 1998)

A sociedade contemporânea tem sido fonte de inúmeras demandas que influenciam diretamente a forma como os jovens estabelecem suas relações. Em consequência da globalização, os meios de comunicação de massa dão acesso ao mercado que valoriza a competitividade intelectual e a busca de ascensão social. Desta forma, surgem novos desafios ao adolescente contemporâneo, assim como do ponto de vista dos pais, agregam-se novas demandas na educação e formação dos filhos.

Além disso, profundas mudanças sociais deixaram uma marca paradoxal para as novas gerações. Os jovens participam de diversas instâncias da vida social sob aparente autonomia em relação aos contextos tradicionais de socialização, como escola e família. No entanto, tal participação é acompanhada de reduzido potencial de inserção efetiva em contextos e interações significativas, a exemplo do mercado de trabalho. (PAIS, 2012) A adolescência atual é marcada pelas condições sociais. As transformações tecnológicas tem exigido mais capacitação, prolongando o tempo do jovem na escola, conseqüentemente, retardando seu ingresso ao mercado de trabalho. (HABIGZANG; DINIZ; KOLLER, 2014)

Isso é evidente na forma como as gerações interagem do ponto de vista social. Essas transformações têm tido relevante impacto na vida de pessoas, especificamente dos jovens, que vêm se construindo de acordo com novos modelos, suas relações com o trabalho, educação, sociedade, chegando a romper com as referências do grupo familiar, no momento em que percebem não serem suficientes para fazer frente às demandas atuais. (RAITZ; PETTERS, 2008; PAIS, 2012) Neste contexto, diversos segmentos do mercado interagem com o jovem que busca construir uma identidade própria. Eles se tornam fonte de identidade forjando uma linguagem geracional distinta de outras épocas com marcas e tendências próprias. No entanto, marcos etários perdem o sentido, são ressignificados ou relativizados, a exemplo da festa de 15 anos e do ingresso à universidade. O marco legal assume relevância para delimitar a infância da adolescência. No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera-se adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos de idade¹, critério adotado no presente estudo. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a adolescência compreende uma fase que vai dos 10 aos 19 anos. Em 1985, a Organização das Nações Unidas – ONU definiu como

¹ Disponível em: <<http://dadospeessoais.net/info/a-definição-decriança-e-adolescente/2007/06/>>. Acesso em: 21.11.2010.

juventude as pessoas de 15 a 24 anos. (IBGE, 2013) As Ciências Humanas consideram, além da cronologia, as funções psíquicas que norteiam a estruturação da identidade e discutem as transições da adolescência a partir da reestruturação de papéis aprendidos na infância, assim como, do protagonismo que o adolescente exerce na sociedade. (STENGEL, 2011) Tais definições evidenciam que a adolescência é um marco essencialmente social e psíquico, no qual a idade não restringe os processos psicológicos em transição.

Em termos quantitativos, a população jovem entre 15 e 24 anos é de 34,6 milhões de pessoas, o que representa 18,3% do total de 189,6 milhões de habitantes. Em 1980, apesar de constatar-se menor quantidade absoluta de jovens (25,1 milhões), eles representavam 21,1% da população, que na época era estimada em 118,7 milhões de habitantes. (WAISELFISZ, 2012) Apesar dos indicadores demonstrarem uma queda no percentual de população jovem no Brasil, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD – indicam que o Brasil ainda é um país jovem. Em 2009, dois terços das famílias brasileiras tinham pelo menos um membro na faixa etária de zero a 24 anos, sendo que 22% destas estavam no primeiro ciclo familiar, com pelo menos uma criança na primeira infância. (IBGE, 2010) Entretanto, observa-se que esta realidade está cada vez menos evidente. Considerando o limite etário estabelecido pelo Estatuto da Juventude, crianças, adolescentes e jovens de até 29 anos de idade, correspondiam a 47,7% da população brasileira total segundo PNAD 2012, o que demonstra que este segmento está perdendo participação na população total, já que, em 2002 representava 55,4% da população. (IBGE, 2013).

A transição etária e epidemiológica pela qual passa o Brasil ampliou a agenda social para outros grupos etários além da infância, adolescência e juventude. Com a melhoria dos índices de saúde e aumento da esperança de vida, adultos e idosos passam a figurar como sujeitos de políticas públicas, o que representa um desafio para o planejamento em diversas áreas, pois perduram problemas de infraestrutura, mesmo com avanços significativos na economia, que resultaram no ingresso ao mercado de grande contingente populacional. Do ponto de vista estratégico, e em consonância com o marco legal da proteção integral adotado pelo País, infância, adolescência e juventude continuam como sujeitos prioritários das políticas públicas.

A problemática do presente estudo diz respeito às transformações da relação pais-filhos adolescentes no momento em que os filhos ingressam na adolescência, com enfoque na perspectiva dos filhos. Enquanto os adolescentes passam por uma gama de transformações

relativas ao modo como percebem e lidam consigo próprios e com o mundo, os pais ingressam em nova fase do ciclo de vida, com alterações na vida profissional e familiar. Nesse momento, percebem a necessidade de mudar suas imagens e forma de relacionar-se com os filhos, sobre os quais não exercem mais o mesmo controle. Diante desta problemática, questiona-se: como os filhos percebem a relação com seus pais no momento em que entram na adolescência?

Visando responder esta questão, o estudo tem como **Objetivo Geral**: compreender as narrativas dos adolescentes acerca da relação com os pais, considerando camada social e gênero. E como **Objetivos Específicos**:

1. Identificar e descrever a forma como os adolescentes interagem com diversos contextos de socialização;
2. Caracterizar o modo como o adolescente retrata suas relações com as figuras parentais;
3. Comparar as narrativas de adolescentes segundo camada social e gênero.

A pesquisa apresentada sob a forma de dissertação possui cinco capítulos. O primeiro deles corresponde a esta introdução, que traz um panorama geral sobre adolescência e família no mundo contemporâneo. O segundo capítulo intitulado *Adolescência, Relação pais e filhos: revisão de literatura*, apresenta artigos que discutem as formas de interação do adolescente em diversos contextos sociais e os estilos parentais e servem de base para a discussão dos resultados do presente estudo. O terceiro capítulo, intitulado *Percurso metodológico*, apresenta o delineamento da investigação, os participantes, instrumentos, questões éticas implicadas nas opções teóricas e na pesquisa de campo, o referencial da análise de dados. O quarto capítulo intitula-se *Ser adolescente na sociedade contemporânea* e tem como objetivo apresentar o modo como os próprios adolescentes concebem sua interação com aspectos mais amplos do contexto, além do familiar, fazendo um comparativo entre camada social e gênero. A apresentação deste capítulo reflete a concepção da pesquisadora (e converge com seus achados) de que existe um intercâmbio entre a família e a sociedade, que ganha relevo nas tramas vivenciadas pelo adolescente. Neste capítulo, será discutido um eixo central a partir de quatro dimensões: sociabilidade (identidade, liberdade, temporalidade e discriminação). O quinto capítulo, *Relações pais e filhos adolescentes*, traz as narrativas dos adolescentes sobre esta relação, analisadas segundo camada social e gênero. A partir das narrativas dos adolescentes surgiram como eixo central desta problemática: as questões intergeracionais.

Desta forma, a intergeracionalidade configura-se como eixo narrativo que engloba três dimensões: monitoramento, afeto e atenção. Todos os eixos abordados se complementam e se entrelaçam, podendo aparecer implícita ou explicitamente durante todo o texto até seu capítulo de conclusão. Buscou-se fazer uma analogia entre as narrativas dos adolescentes e a teoria, de forma interdisciplinar.

A seguir serão apresentados dois eixos fundamentais a fim de contextualizar a adolescência nos estudos contemporâneos e as relações intergeracionais na família em mudanças, aspectos que darão suporte para a fundamentação do estudo.

1.1 ADOLESCÊNCIA NOS ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS

Estudar adolescência requer assumir o pressuposto de que os conceitos coincidem com as transições sociais que lhe sustentam e dão sentido. Isto se deve ao fato de tal conceito ser amplamente permeado por dimensões de natureza biopsicossocial, histórica, política, cultural e econômica a conferir certo consenso em torno da centralidade das mudanças. A adolescência é um processo de mudanças físicas, comportamentais, emocionais, cognitivas e relacionais que, em curto espaço de tempo, transformam a criança em um ser humano com nova simbologia e imagem de si mesmo. (SCABINI; RANIERI, 2011) As mudanças biológicas no período denominado puberdade, são evidentes, e marcam o início da adolescência, porém, os aspectos sociopsicológicos são fundamentais para definir esta etapa. (HABIGZANG; DINIZ; KOLLER, 2014)

Ao longo do tempo a adolescência foi descrita como uma fase turbulenta, de rebeldia e problemas comportamentais, assim como uma etapa natural e universal do desenvolvimento. (COSLIN, 2002; HABIGZANG; DINIZ; KOLLER, 2014)

As diferentes perspectivas da psicologia sobre adolescência sugerem que esta etapa ultrapassa a passagem da infância para a vida adulta e consideram as transformações somáticas correlatas a um novo modo de viver a sexualidade, que aproxima a criança do homem ou da mulher no plano físico, embora não coincida com o desempenho de papéis sociais, o que reveste a adolescência de singularidade. (COSLIN, 2002)

Ainda na perspectiva de Coslin (2002):

[...] segue-se uma situação de desequilíbrio que pode manifestar-se através de inúmeros sintomas, muitas vezes reagrupados sob a expressão de crise da adolescência: é um período onde os equilíbrios culturais alcançados, voltam a ser postos em causa pelas maturações orgânicas. (COSLIN, 2002, p.20)

Portanto, é necessário relevar diversos pontos para a compreensão do adolescente: a puberdade e suas repercussões, o desenvolvimento psicoafetivo e a sexualidade, o desenvolvimento cognitivo e sociocognitivo, crises na adolescência, adolescência e sociedade, escolaridade, inserção profissional e problemas da socialização. (COSLIN, 2002) A psicologia do desenvolvimento humano, por seu caráter multidisciplinar, abrange a psicologia da personalidade, psicologia social, psicologia da aprendizagem e psicopatologia, além de áreas afins, como por exemplo, as ciências sociais e antropologia. Biaggio (2008) descreve e discute os vários aspectos da mudança de comportamento do indivíduo ao longo do tempo. “[...] ela tem focalizado mudanças de comportamento que ocorrem em período de transição rápida e de instabilidade, como a infância, a adolescência, e, mais recentemente, a velhice”. (BIAGGIO, 2008, p. 22)

Considerando o fato que em cada estágio do desenvolvimento psíquico o sujeito demanda necessidades específicas, a adolescência pode ser vista como um período delicado. (FACCI, 2010) As regras de grupo tendem a ser absorvidas e os adolescentes tendem a adequar seus comportamentos aos novos valores provenientes dos fatores externos. Releva-se a importância das relações e interações sociais, na identidade, subjetividade e personalidade do adolescente, portanto, em sua formação.

G. Stanley Hall, pioneiro na investigação da adolescência, a considerava como fase de grande mudança e conflito, apesar de enfatizar sua singularidade para o desenvolvimento humano, merecedora de atenção das ciências sociais e humanas. (SPRINTHALL; COLLINS, 2003) Algumas de suas ideias foram relevadas em longos anos de estudos que se sucederam, dentre elas a afirmação de que: “[...] nesta etapa ocorrem as principais transformações psicológicas e fisiológicas que alteram a qualidade dos processos cognitivos e emocionais.” (SPRINTHALL; COLLINS, 2003, p.16)

Sigmund Freud considerou que a formação da personalidade do indivíduo está diretamente relacionada à sexualidade, uma vez que em cada estágio do desenvolvimento ocorrem significativas mudanças de objeto de desejo e de sua satisfação. Dentre as fases de desenvolvimento psicosexual de Freud vale destacar a genital, a concluir o desenvolvimento biológico e psicológico do indivíduo. A partir dela o indivíduo inicia a puberdade, e a energia

libidinal concentra-se nos órgãos sexuais. (FADIMAN; FRAGER, 1986) Esta fase tem como objetivo fundamental “[...] permitir que as crianças se tornem adultos capazes de estabelecer relações estáveis.” (SPRINTHALL; COLLINS, 2003, p. 17) A adolescência também foi considerada por Freud como um período turbulento, principalmente devido às mudanças físicas da puberdade, aumento do desejo sexual, o que implica em busca de objetos apropriados para investir a sexualidade. Outro fator é a necessidade do adolescente tornar-se independente dos pais, com quem vivenciou as experiências das fases anteriores. (SPRINTHALL; COLLINS, 2003)

A antropologia cultural considera a aprendizagem social fator principal no desenvolvimento do adolescente. A forma como os adolescentes reagem aos desafios desta etapa de vida dependem de como ocorreu a aprendizagem diante das experiências vivenciadas no âmbito do contexto social. (SPRINTHALL; COLLINS, 2003)

Ainda de acordo com Sprinthall e Collins (2003), de acordo com o modelo de desenvolvimento do adolescente de John P. Hill, a adolescência vem acompanhada de mudanças primárias no âmbito de contextos sociais, implicando em mudanças secundárias no desenvolvimento do indivíduo, a saber: relações familiares; autonomia; identidade; realização e intimidade.

Apesar de a adolescência ter sido naturalizada e rotulada como uma fase difícil do desenvolvimento, esta definição tem sido questionada. A compreensão sobre adolescência, ou adolescências, ganha destaque na cultura, diante da pressão recebida no contexto ocidentalizado e globalizado, e está cada vez mais pautada em suas características sociais e econômicas do que na sua aparência e desenvolvimento físico e hormonal. (HABIGZANG; DINIZ; KOLLER, 2014) Pode-se dizer que:

Nos últimos 50 anos, a infância sofreu mudanças que estão mais relacionadas a estímulos psicossociais, resultantes do meio em que se vive. Os impulsionadores da transformação foram a televisão, a nova estrutura da família e, a partir da década passada, a popularização das novas mídias, que facilitam o acesso a todo tipo de informação por meio de um clique no computador ou celular conectado à *internet*. (HABIGZANG; DINIZ; KOLLER, 2014, p.25)

Este fator remete uma realidade contemporânea, a comunicação digital, o que vem colocando e “xeque” a dimensão sociopolítica do coletivo, no que se refere à formação da identidade do ser humano. Desta forma, na era do processo conectivo, a individualidade se amplia e multiplica-se, favorecendo uma multiplicidade de “eus” no corpo subjetivo,

influenciando diretamente na formação da identidade. (CANEVACCI, 2009) “[...] Tudo isso se refere também, especialmente, aos jovens: as culturas [...] pluralizadas e, infelizmente fragmentadas das juventudes atuais que buscam se desenvolver, criar e aplicar a cultura digital como parte fundamental de sua subjetividade”. (CANEVACCI, 2009, p.9)

Portanto, faz-se necessário pensar em adolescência na perspectiva de individuação, considerando o jogo entre singularidade e coletividade no âmbito das transformações sociais e das relações intergeracionais:

[...] Daí a opção de abordar a adolescência e a juventude à luz do processo de construção de si, característico dessa fase da vida, situado no contexto da socialização familiar. As noções de “interdependência” e interação são tomadas no sentido eliasiano, menos relacionados à vontade dos indivíduos e muito mais determinadas pela estrutura da rede de relações nos quais estes se encontram inseridos. (BRANDÃO, 2006, p.82)

Em obras como *Sociedade dos indivíduos* (1994), Norbert Elias apresenta o processo de individuação ocorrido na modernidade, que decorre da superação da vontade pessoal em face de interesses coletivos e, ao mesmo tempo, do surgimento da individualidade que molda a vida cotidiana contemporânea e cria condições de manutenção do pacto social como consequência de séculos de internalização das normas socialmente partilhadas. Entre os adolescentes, esse processo perpassa as instâncias de socialização que interagem com as inovações tecnológicas e se modificam na medida em que os próprios jovens as propõem sobre novas bases.

A opção por tratar do conceito de juventude/adolescência a partir da psicologia do desenvolvimento humano implica em destacar mudanças e transformações ao longo do tempo, elegendo a noção de temporalidade como um eixo categórico vinculado à sociabilidade, apreendido das narrativas dos adolescentes que veem a si mesmos como participantes de um momento singular da vida, marcado pela evanescência.

Neste ínterim a psicologia do desenvolvimento tem ampliado o foco de indivíduo e díade (mãe/ criança) para um contexto mais amplo, incluindo a interação. O indivíduo passa a ser compreendido de forma mais complexa e integrada. Isto significa que o foco no indivíduo ampliou-se para as pessoas em interação; a interdependência, a reciprocidade e o sinergismo entre as diferentes pessoas, sobressaem-se sob o aspecto unidirecional. Ganha relevância a visão ecológica do desenvolvimento, que valoriza a interdependência e a mútua e contínua

transformação da pessoa e do seu ambiente, sempre considerando como principal fator desencadeador de transformação o contexto. (ROSSETTI-FERREIRA, 2006)

Entende-se que o adolescente constrói sua individuação a partir da integração com o meio ambiente e identificação com os seus pares. As regras de grupo tendem a ser absorvidas. Há ainda uma tendência dos adolescentes em adequar seus comportamentos aos novos valores provenientes dos fatores externos. Releva-se a importância das relações e interações sociais no âmbito de um processo transversal de informações, envolvendo crenças, valores e regras que cada um traz da sua história de vida e padrões de educação familiar. Esta transversalidade de informações facilita a formulação de novos conceitos, assim como, de uma nova forma dos jovens perceberem a tríade: sujeito singular, outro e mundo.

Um dos teóricos do desenvolvimento humano, que considera o ambiente como aspecto fundamental de desenvolvimento, inclusive do adolescente, é Bronfenbrenner. Para ele, o ambiente propicia a interação, que por sua vez, é caracterizada pela reciprocidade. O indivíduo em desenvolvimento molda-se e influencia mudanças no meio o qual se encontra, num processo mútuo de desenvolvimento. (BRONFENBRENNER, 1996)

Bronfenbrenner, em seu modelo bioecológico do desenvolvimento, definiu o ambiente em: microssistema, mesossistema, exossistema e macrosistema.

Como definição de microssistema, aponta as experiências vivenciadas pelos indivíduos em desenvolvimento no âmbito de atividades, papéis e relações interpessoais, considerando ambientes com características físicas e materiais específicas, em que as pessoas possam interagir face a face. As inter-relações entre dois ou mais ambientes em que as pessoas desenvolvem suas atividades de forma participativa configura-se um mesossistema. Os ambientes em que as pessoas em desenvolvimento não participam ativamente, mas que, de alguma forma, são afetadas pelos eventos ocorridos neles, já que interferem direta ou indiretamente em seu desenvolvimento, são denominados, exossistema. Os macrosistemas, por sua vez, configuram-se como a iteração de todos os ambientes acima mencionados. (BRONFENBRENNER, 1996)

A existência de uma relação bidirecional entre duas pessoas (díade), em ecologia humana, é uma estrutura interpessoal simples e, conseqüentemente, um contexto mais imediato de desenvolvimento humano. Uma relação pode configurar-se quando uma pessoa presta atenção ao comportamento de outra pessoa, ou participa com ela em alguma atividade.

Para que essa relação ocorra, são necessárias três características: reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afetiva. (BRONFENBRENNER, 1996)

Ainda de acordo com Bronfenbrenner (1996), reciprocidade está relacionada a maneira como as pessoas interagem entre si, como uma influencia o desenvolvimento da outra. Já nas relações de poder, uma pessoa pode ser mais influente do que a outra, o que não impede a reciprocidade do processo diático. Os membros de uma díade sofrem processo de desenvolvimento de forma mútua, sendo que um pode ter maior poder de influência do que o outro. O ideal é que a influência seja alternada entre os participantes, sugerindo um equilíbrio de poder.

As relações diáticas, influenciam naturalmente em relações afetivas. Os indivíduos tendem a estabelecer afeto uns para com os outros, na medida em que se relacionam reciprocamente e desenvolvem-se mutuamente.

Portanto, a formação da identidade e do sentido de vida na adolescência requer certo nível de maturidade biopsicossocial e está relacionada com crenças autorreferenciadas e de autoconceitos. Durante a adolescência, as pessoas vão descobrindo seus primeiros propósitos de vida. Na medida em que se adquire um propósito, há certo desenvolvimento da identidade num processo mútuo e contínuo. (HABIGZANG; DINIZ; KOLLER, 2014)

1.2 RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NA FAMÍLIA EM MUDANÇA

A família contemporânea entra em crise devido às inúmeras transformações que vem sofrendo ao longo do tempo. (PETRINI, 2003) Estas transformações estão relacionadas à quebra de paradigmas referentes às famílias tradicionais. Dentre as novas formas de entender a família, destaca-se a igualdade de direitos e deveres entre os cônjuges, o que tem levado a uma nova forma de estabelecer laços familiares, em particular os parento-filiais. (FERES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2008) Este aspecto gerou uma inversão de valores nas relações de gênero e gerações, conseqüentemente, na família, que aderiu a modelos de educação mais democráticos de expressão entre as gerações e de partilha de responsabilidades entre os cônjuges. As relações entre pais e filhos ganham maior flexibilidade, passam de modelos mais centrados na autoridade para aqueles mais voltados para a democracia. (KALOUSTIAN, 2005) Estes comportamentos também promovem o planejamento familiar, com redução da

taxa de natalidade, e, portanto, do número de filhos por casal. Observa-se um estilo de vida pautado em um padrão para investimento profissional e aumento da renda familiar dos cônjuges.

Inicia-se a busca de realização pessoal através da ascensão profissional, principalmente entre as mulheres, que passaram a adquirir maior autonomia e independência. Desta forma, a partilha do tempo dos cônjuges desfavoreceu a família, e as atividades voltadas para o acompanhamento e monitoramento dos filhos foram transferidas para outros atores sociais como, por exemplo, escola, babás e avós.

Enquanto antigamente a criação dos filhos ocupava os adultos por todo o seu período de vida ativa, ela agora ocupa menos da metade do período de vida adulta que antecede a terceira idade. O significado da família está mudando drasticamente, uma vez que ela não está mais organizada primariamente em torno dessa atividade. (CARTER; MCGOLDRICK, 1995. p.13-14)

Embora a família passe por transformações, ela permanece como valor ideal cultivado pela maioria da população. (PETRINI, 2003) “[...] Estão mudando o modo de entender e o modo de viver o amor e a sexualidade, a fecundidade e a procriação, o vínculo familiar, a paternidade e a maternidade, o relacionamento entre o homem e a mulher”. (PETRINI, 2003, p. 60)

As constantes transformações vivenciadas pela família estão pautadas em modelos sociais pertencentes à sociedade moderna, que a induzem para um estado de extinção, apesar de alguns estudos científicos demonstrarem que ainda há uma vitalidade do ideal familiar, segundo Petrini (2003):

[...] a família empenha-se em reorganizar, na sociedade pós-moderna, aspectos da sua realidade que o ambiente sociocultural vai desgastando. Reagindo aos condicionamentos externos e, ao mesmo tempo, adaptando-se a eles, a família encontra novas formas de estruturação, que de alguma maneira, a reconstituem. (PETRINI, 2003, p. 60)

Trata-se de um sistema familiar contemporâneo em que a educação, transmissão de valores e relacionamento pais e filhos enfrentam um período confuso, principalmente quanto à definição de papéis. “[...] como consequência disso, as novas gerações encontram mais dificuldades para alcançar a estabilidade psicológica e afetiva, necessárias para enfrentar os desafios da existência na sociedade moderna”. (PETRINI, 2003, p. 61)

A intergeracionalidade é um fator inerente à relação entre pais e filhos. A transmissão de valores entre as gerações tem aspecto delicado, já que está pautada na cultura e em valores morais e emocionais, ligando passado, presente e futuro. (SCABINI, 2011)

Pensar em gerações requer pensar em uma perspectiva que vai além das inter-relações pessoais, da relação por grupos etários, ou por indivíduos que fazem parte do mesmo contexto cultural a partir de similaridades de influências. Em sua origem latina, o termo geração coincide com *generatio*, no qual o prefixo *gen* significa essencialmente a relação entre quem gerou e quem gera. Ele exige, portanto, que se considere a genealogia da família como equivalente ou análoga à social. Considerar a relação entre gerações significa, portanto, que as gerações anteriores influenciam diretamente nas gerações posteriores, não apenas no que se refere à transmissão de valores patrimoniais, mas principalmente nos valores morais e emocionais. Todavia, releva-se o fato de que a transmissão de valores entre as gerações não se faz de forma mecânica, é necessário considerar as questões culturais e históricas de cada época, o que envolve riscos, tanto para quem fornece, quanto para quem recebe. (SCABINI, 2009)

Os jovens da sociedade atual tendem a desconstruir valores advindos das gerações anteriores e vivenciar de maneira intensa sua própria forma de entender o mundo, com valores peculiares a geração atual. Este imediatismo torna fragilizada a relação parento-filial. O modo como as gerações utilizam seu tempo também influenciam diretamente em suas relações interpessoais. Pais e filhos estão imersos em um sistema capitalista que exigem, por um lado, dedicação integral dos pais ao trabalho, e por parte dos filhos a utilização do seu tempo com programas midiáticos e atividades intensas, escolares e extraescolares. (DONATI, 2008)

A relação pais-filhos passa por um período de mudanças. No âmbito da reorganização familiar, em que os cônjuges dividem as tarefas domésticas e de prover o sustento da família, a função educativa exercida pela figura paterna precisa retirar o filho da esfera da afetividade, própria do vínculo estabelecido com a figura materna, a fim de inseri-lo no mundo dos adultos. Este se caracteriza pelo trabalho, pela necessidade de respeitar as normas de convivência, por empenhar-se para alcançar objetivos e renunciar a satisfação de necessidades momentâneas em vista da realização de projetos para o futuro. Atualmente valoriza-se mais o pai que é companheiro do filho, que brinca com ele e que assume atitudes próximas das maternas. Tais posturas podem conviver mesmo que a síntese se realize com alguma dificuldade. (PETRINI, 2011)

2 ADOLESCÊNCIA, RELAÇÃO PAIS E FILHOS: REVISÃO DE LITERATURA

Em revisão da literatura, disponível nos periódicos indexados no portal da CAPES², nos bancos de teses da UCSAL³, IBICT⁴ e SCIENC DIRECT⁵ foram encontrados 162 artigos publicados nos últimos cinco anos, acessados pelos descritores: adolescente; relações pais e filhos; perspectiva dos filhos (*Adolescent, parents and children relationship, perspective of the children*). A busca revelou apenas um artigo diretamente relacionado ao objeto da pesquisa. Vale ressaltar que não foram encontradas teses e dissertações que abordem o objeto sobre o ponto de vista dos adolescentes. O artigo escrito por Pacheco, Silveira e Schneider (2008), que discute as práticas educativas utilizadas pelos pais com base nas dimensões responsividade e exigência. Verifica-se uma longa tradição de estudos sobre a juventude, inclusive da existência de foros de discussão, congressos e reuniões científicas dedicadas a divulgar o conhecimento produzido por pesquisadores da área, sobre o objeto na perspectiva desse estudo. Faz parte desse conjunto de iniciativas o Congresso sobre a Juventude Brasileira – **JUBRA** – inicialmente organizado pelo grupo de pesquisa liderado por Lúcia Rabelo de Castro; as pesquisas empreendidas por investigadores como Mary Castro e Miriam Abramovay; e internacionalmente, as contribuições do Observatório da Juventude em Lisboa, coordenado por José Machado Pais e Lia Pappamakail; dissertações e teses sobre juventude defendidas no programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador, bem como em outros Institutos de pesquisa nacionais e internacionais.

No entanto, em diversas buscas empreendidas em portais de periódicos nacionais e internacionais, constataram-se apenas três artigos que tratam da parentalidade na perspectiva dos filhos adolescentes. Este indicador revela a inovação do tema e seu escasso tratamento pela pesquisa científica, apesar da crescente demanda social, acompanhada pela publicação de manuais e surgimento de técnicas de orientação instrumental com ampla repercussão midiática. Por isso, optou-se por discutir os resultados com base na produção mais ampla acerca da juventude. Os artigos científicos encontrados serviram de base para os capítulos da

² Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br>> Acesso em: 15/08/2012

³ Disponível em: <<http://tede.ucsal.br/>> Acesso em: 15/08/2013

⁴ Disponível em: <<http://bdtd.ibict.br/>> Acesso em: 15/08/2013

⁵ Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com>> Acesso em: 15/08/2013

dissertação, apoiados, ainda, pelos marcos teórico sobre adolescência amplamente revisada durante a fase propositiva da investigação.

O estudo de Pacheco, Silveira e Schneider (2008), da Universidade Luterana do Brasil – ULBRA – teve como objetivo geral relacionar os conceitos de estilos e práticas educativas através da análise dos resultados encontrados nas escalas de responsividade e exigência parental e no relatório de pais. Participaram do estudo 20 adolescentes entre 15 a 19 anos, estudantes de escolas particulares da região metropolitana de Porto Alegre. Objetivou-se compreender a perspectiva dos adolescentes a respeito do comportamento de seus pais e mães, avaliados separadamente. Os estilos parentais foram relevados a partir dos escores avaliados nas escalas de responsividade e exigência. Pais que obtiveram escores altos nas duas dimensões foram classificados como autoritativos e aqueles com baixo escore em responsividade e alto em exigência foram classificados como autoritários. Os que apresentaram escores altos em responsividade e baixos em exigência foram classificados como indulgentes e os pais que apresentaram baixo nível, tanto em responsividade, quanto em exigência receberam a classificação de negligentes. (PACHECO; SILVEIRA; SCHNEIDER, 2008)

Do ponto de vista dos adolescentes, responsividade e exigências maternas tiveram maior escore que os paternos, porém sem diferenças estatísticas significativas. Quanto aos dados relacionados aos resultados combinados entre pais e mães, os adolescentes consideram ambos os pais (casal parental) mais responsivos do que exigentes. Apesar da responsividade materna e paterna apontarem práticas educativas (Envolvimento positivo com a criança, a criança como centro, aceitação da criança como pessoa, sensibilidade para o sentimento da criança, aceitação na autonomia e divisão na tomada de decisão), a responsividade paterna se destaca nos fatores autonomia e divisão na tomada de decisões. Os adolescentes consideram os pais mais indulgentes do que as mães. Eles demonstraram que se sentem mais respeitados em sua individualidade, privacidade, autonomia e tomada de decisão pelos seus pais do que pelas mães. Alguns pais recorrem a práticas educativas no intuito de monitorar o filho, mas tornam-se intrusivos, o que prejudica sua autonomia por mantê-lo emocionalmente dependente dos pais. Por outro lado, a exigência está relacionada ao controle do comportamento e ao estabelecimento de limites. Quanto aos aspectos relacionados à exigência e à prática educativa, os adolescentes percebem que são punidos de alguma forma quando não obedecem às regras ou ordens estabelecidas. A correlação entre exigência e “controle através da culpa” é apontada como preocupante, uma vez que esse eixo está relacionado ao controle

físico, relacionado por alguns pais como controle psicológico, o que pode afetar negativamente o desenvolvimento do adolescente.

Apesar de tratar da perspectiva dos filhos acerca do exercício da parentalidade, levantando aspectos importantes para a relação pais e filhos, o estudo não trata especificamente deste objeto. Assim como o estudo que deu origem a presente dissertação, esta relação não é investigada de modo direto, mas mediada pela concepção do adolescente.

Um estudo qualitativo desenvolvido por Stengel (2011) entrevistou pais e mães, casados e separados, de adolescentes de camada média, a fim de analisar o exercício da autoridade parental quando os filhos entram na adolescência. A autora partiu da necessidade dos pais criarem novos modelos de educação, principalmente, por ser uma fase de construção da identidade em que os filhos tendem a exercer novos papéis sociais, diferentes dos que exerciam quando crianças. O estudo demonstrou que a relação entre pais e filhos modificou-se quando os filhos entraram na adolescência. O exercício da autoridade, objeto do estudo, sofre alterações direta ou indiretamente diante de tais modificações. O afastamento dos filhos em relação aos pais e a aproximação de professores, pais de amigos e grupo de pares, é apontado por todos os entrevistados como um sentimento de perda, tanto psíquica, quanto física. A separação do casal parental também tem um significado de perda do controle dos pais em relação aos filhos. Os pais queixam-se quanto à nova forma dos adolescentes entenderem a si mesmos, aos outros e ao mundo, ou seja, a forma de se colocarem autônomos em suas preferências e estilos de vida. Estes novos estilos criam certa competitividade e conflitava entre pais e filhos. Para as mães, o papel da autoridade pertence aos homens (pais) e algumas delas, principalmente as separadas, buscam um relacionamento mais democrático, de diálogo com os filhos, passando a tarefa de autoridade para os pais. Os entrevistados relataram insegurança quanto aos modelos de educação parental exercidos com seus filhos. O estudo demonstrou que há um rompimento por parte dos pais com os modelos de parentalidade vivenciados quando filhos e reconstrução de outros modelos para com seus filhos. A incerteza quanto à eficácia dos modelos atuais fazem com que os pais confiem menos nos filhos.

Estudo realizado por Paiva (2009) objetivou identificar correlação entre o consumo de álcool na adolescência e estilos parentais. Como estilos parentais, o autor considerou o modelo de Baumrind, que, a princípio, integrava tanto os aspectos comportamentais, quanto os afetivos e, aos poucos, foi formulado um modelo constituído por três elementos: autoritário

(muita exigência e pouco afeto); autoritativo (alta carga de exigência e ao mesmo tempo, envolvimento afetivo com os filhos) e permissivo (oferecem pouca demanda de responsabilidade e maturidade, permitindo que os filhos monitorem seus próprios comportamentos). Os resultados da pesquisa sugerem que os estilos parentais maternos autoritários e autoritativos são fatores protetores para o consumo de bebidas alcoólicas. O fator monitoramento demonstrou ser ponto positivo para a proteção de uso de bebidas alcoólicas pelos adolescentes. Os estilos negligentes e indulgentes foram considerados fatores de risco para este comportamento. O estudo ainda sugere que morar com os pais se configura um importante fator protetor. Ressalta-se, ainda, o fator idade. Os adolescentes entre 17-19 anos demonstraram ser mais vulneráveis a este comportamento em detrimento dos mais novos, de 14-15 anos.

No que se refere à sociabilidade e identidade no âmbito da vivência do espaço, destaca-se a escola como espaço primordial de socialização dos jovens. (PAIS, 2006) Este objeto é retomado em diversos estudos, com destaque para os que são apresentados a seguir.

Dos Santos, Nascimento e Menezes (2012) objetivaram refletir sobre os sentidos da escola para jovens das camadas populares, a partir da investigação dos aspectos positivos e negativos de suas vivências em contexto escolar. A sociabilidade foi elencada como um dos eixos mais importante para os jovens. De acordo com as narrativas dos alunos, a escola representa um importante espaço de interação social. Ela favorece o desenvolvimento de vínculos socioafetivos com seus pares e demais membros da escola. Os jovens reconhecem haver muitas dificuldades nos diversos eixos abordados, mas, ainda assim, consideram que existe clima, espaço e atividades que favorecem as relações interpessoais.

Martins e Dayrell (2013) avaliaram a importância do grêmio estudantil na escola. Os resultados apontaram que, dentre outros aspectos, o grêmio se constitui como um importante espaço de socialização para os jovens alunos, com ênfase na aprendizagem da vivência coletiva, no lidar com os conflitos e no exercício de escolhas, dentre outras. Os jovens criam um ritmo e uma dinâmica própria de trabalhar e apesar de evitarem a burocratização, conseguem manter o funcionamento das atividades. Os membros reúnem-se em um clima descontraído com brincadeiras, piadas e risos, tornando esta atividade um momento de responsabilidade, porém prazeroso.

Neste ínterim, Lattari (2011) pontua que os jovens gostam de estar na escola, são atentos às atividades propostas, participam das aulas e fazem os exercícios. No entanto, em outros momentos, mostram-se alheios e esquivas em relação às propostas escolares. Neste contexto, percebeu-se que os jovens apresentam uma forma peculiar para lidar com o espaço e o tempo. Este mesmo autor investiga a influência da moda sobre a sociabilidade do jovem e verifica que esta decorre da preocupação dos adolescentes com a aparência: o uso de bijuterias, preocupação com os cabelos, as roupas, os perfumes, como modelos de representações nas relações sociais. (LATTARI, 2011) Releva, ainda, o cuidado com o visual como indicador para diversos signos construídos nas interações. Alguns jovens apresentam-se sob uma forma peculiar, a partir da escolha de uma aparência que dá sentido à sua forma de ser; outros vivenciam a moda como forma de aceitação ou de “disputa” entre eles. Os jovens conferem certo poder às roupas, valorizam a forma de se vestir, e colocam como uma das principais formas de expor sua imagem e identidade. O vestuário é também uma forma de relação de pertencimento nos grupos.

Outro estudo que traz aspectos relevantes no que se refere à sociabilidade e ao desenvolvimento biopsicossocial do adolescente ressalta que os grupos de pares assumem um papel fundamental na construção da identidade e autonomia dos jovens (formação de opiniões e atitudes, constituição de um espaço de diálogo e apoio acerca de seus problemas pessoais, possibilidades de novas relações). (MATOS, 2008) Eles oferecem oportunidade de desenvolvimento e afinidade de competência de relação interpessoal. No entanto, propiciam também maior distanciamento do controle parental e de outras figuras de autoridade; exposição ao consumo de álcool ou comportamento delinquente.

A sociabilidade é moderada pela cultura e nível socioeducacional, aspectos que na cidade do Salvador se vinculam à etnia. O preconceito racial experimentado por adolescentes negros foi estudado por Castro (2009), que aponta que este se soma ao preconceito moral devido à residência em bairros periféricos e favelas. Em decorrência deste conjunto de preconceitos, os jovens pobres sofrem com a carência de atenção e oportunidade de sociabilidade e de trabalho.

Um dos eixos mais presentes nos estudos sobre sociabilidade de jovens é a amizade. Pesquisa realizada por Matos (2008) revela que as relações de amizade variam de acordo com o perfil e as necessidades de cada indivíduo. A princípio, os amigos têm uma função recíproca de conciliação na resolução de problemas, mostrando-se instrumento fundamental para o bem

estar psicológico que tem na autoconfiança e reciprocidade as bases para uma amizade saudável. No que se refere às diferenças de gênero, os rapazes vivenciam a amizade no compartilhamento de atividades, enquanto que as meninas valorizam o compartilhamento da intimidade. Juntamente com dimensões mais cognitivas, a amizade propicia afeto e atenção.

Estes estudos abordam aspectos relevantes sobre a forma como os adolescentes se percebem nos diversos contextos sociais e convergem com as discussões dos resultados encontrados na presente pesquisa, no âmbito dos eixos elencadas a partir das narrativas dos adolescentes. A sociabilidade é elencada como um eixo central, seguida de dimensões, dentre as quais, aparecem explícitas nesta revisão de literatura, a identidade, a liberdade e a discriminação. Além disso, os estudos abordam os estilos parentais, através de práticas educativas que apoiam as discussões dos resultados do capítulo desta dissertação, intitulado *Relação pais e filhos adolescentes*. Os adolescentes entrevistados abordaram os estilos como os pais lidam com os filhos como capazes de criar proximidade ou distanciamento entre as duas gerações, assim como de promover proteção ou risco para os filhos. A autonomia, aspecto da individuação tão almejado pelos adolescentes, pode ser prejudicada diante de modelos de práticas educativas intrusivas, que foram observadas tanto na literatura consultada, quanto nos achados do presente estudo.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

3.1. DELINEAMENTO DA PESQUISA

O presente estudo, de natureza qualitativa, teve como principal instrumento de levantamento de dados a entrevista em profundidade. (COZBY, 2009) Tradicionalmente, a entrevista tem significativa relevância para constituição do *corpus* de análise nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais “[...], pois fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos”. (BAUER; GASKELL, 2005, p.65) Suas características específicas possibilitam apreender conteúdos que não emergiriam em outras condições de pesquisa. São elas: acontece em ambiente tido como natural ou do cotidiano do entrevistado; o pesquisador é instrumento fundamental da análise; recorre-se a múltiplas fontes de dados; a análise das entrevistas segue as linhas dedutiva e indutiva de raciocínio.

Ao estudar adolescentes, faz-se necessário compreender os fatores psicossociais e o contexto no qual estão inseridos, aspectos fundamentais para a compreensão do objeto do presente estudo que se configura na relação entre pais e filhos adolescentes.

Desta forma, para este estudo, foi utilizada a análise de dados dedutiva e, no o que se refere à análise indutiva, “[...] Os pesquisadores qualitativos criam seus próprios padrões, eixos e temas de baixo para cima, organizando os dados em unidade de informação cada vez mais abstrata”. (CRESWELL, 2010, p.209) No âmbito deste processo, o pesquisador tem a oportunidade de colaborar interativamente com os participantes, objetivando dar forma aos conceitos que emergem do processo de coleta de dados.

Por tratar de temas amplos que permeiam o cotidiano do adolescente no âmbito da relação com seus pais, optou-se por iniciar a pesquisa empírica e posteriormente aprofundar a pesquisa bibliográfica, partindo do conteúdo observado nas narrativas dos próprios adolescentes. “[...] Sem pré-definições de conceitos e de hipóteses, no intuito de exercitar um olhar que seja pautado na atenção [...], dando liberdade e vida ao observado, generosamente, sem imposições e atenta inclusive aos silêncios”. (BOSI, 2003, p. 201)

O estudo trata do adolescente no âmbito das diversas perspectivas de interpretação teórica sobre adolescência, em constante transformação social e construção de autonomia e identidade. (BRANDÃO, 2006) De certo modo, estas características coincidem com o conceito de juventude, por isso, em diversos momentos deste estudo, utilizam-se ambos os termos como sinônimos. Na verdade, procura-se destacar “[...] a singularidade do processo de construção identitária nesse momento da vida, conjugadas às transformações sociais que aí ocorrem” (BRANDÃO, 2006, p. 81) que nunca estão dissociadas em categorias construídas com base etária.

3.2. CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE INVESTIGAÇÃO

A literatura científica acerca da vida do adolescente de grandes centros urbanos carece de estudos que tratem especificamente da crescente demanda de compreensão dos meios para conciliar valores e visões de mundo por vezes conflitantes entre pais e filhos. Em geral, as demandas partem de pais que se aproximam de profissionais de psicologia, pedagogia e outras áreas em busca de orientação. Os principais desafios dizem respeito aos novos padrões de valores e comportamentos dos adolescentes frente aos quais os pais procuram monitorar com maior precisão seus filhos, o que geralmente implica em conflitos.

A partir desta constatação, primeiramente buscou-se analisar esta problemática sob o olhar dos pais, partindo do seguinte questionamento: como os pais percebem o comportamento de seus filhos quando estes entram na adolescência? E como se desenvolvem as relações pais e filhos a partir desta fase?

No âmbito do desenvolvimento do projeto de pesquisa, um adolescente de 16 anos, estudante do ensino médio em uma escola da rede privada de Salvador, entregou espontaneamente à pesquisadora uma produção própria, que relatava as relações pais e filhos adolescentes na sociedade contemporânea. O texto toca em diversas problemáticas vivenciadas pelo adolescente e sua visão a respeito do comportamento dos pais sobre os filhos. A expressividade do relato deste jovem provocou uma reflexão na pesquisadora, no sentido de buscar compreender o que os jovens têm a falar sobre si mesmos, sobre a forma como se percebem nos diversos contextos da sociedade e, especificamente, a respeito das relações entre pais e filhos adolescentes e os meios que podem ser fundamentais para o equilíbrio destas relações. Foi realizada uma nova revisão de literatura e constatou-se a

carência de estudos sobre este objeto, na perspectiva dos adolescentes. A pesquisadora decidiu reformular o objeto do estudo, desta vez, dando voz aos adolescentes.

A princípio, o estudo foi direcionado aos adolescentes de camada média, residentes na cidade de Salvador-BA. Esta escolha se deu pelo contato da pesquisadora com pais de adolescentes desse extrato social, tanto em seu ciclo de convivência social, quanto em sua prática clínica em Psicologia, pela qual se deparava com relatos de pais que apresentavam angústia ao lidar com os filhos adolescentes. Foi realizado um estudo piloto com três adolescentes no intuito de calibrar o roteiro semiestruturado de entrevista. Esta etapa foi fundamental para identificar vieses implícitos às perguntas do instrumento e possibilitou redirecionar a coleta de dados para um instrumento contendo apenas duas questões com o objetivo de realizar uma entrevista em profundidade. Tendo realizado as alterações e visando dar início à coleta de dados, a pesquisadora contactou pais de adolescentes de camada média que, ao tomar ciência da pesquisa, mostraram-se reticentes em participar do estudo. Surgiu, então, a possibilidade de ampliar a pesquisa para adolescentes de camada popular, a princípio por acessibilidade, devido a contatos da pesquisadora com profissionais da educação dispostos a intermediar o acesso. Essa decisão promoveu uma nova reflexão acerca da problemática investigada e a inclusão da perspectiva de classe, o que aumentou o entusiasmo quanto à possibilidade de enriquecer o estudo. Os objetivos foram ampliados para fazer um comparativo entre as narrativas dos adolescentes que vivenciam a relação pais e filhos em Salvador, contemplando contextos sociais e econômicos diferentes.

3.3 PARTICIPANTES E CRITÉRIOS DE ESCOLHA

Participaram do estudo 30 adolescentes, na faixa etária de 14 a 18 anos, sendo 15 de camada popular, dos quais: sete do gênero feminino, com média de idade 15 anos, e oito do gênero masculino, com média de idade de 16 anos; e 15 adolescentes de camada média, sendo sete do gênero masculino e oito do gênero feminino, com média de idade de 16 anos.

Os critérios de inclusão foram: ter entre 12 e 18 anos de idade, pertencer à camada social média e popular, possuir vínculo com escola/universidade, residir com um dos genitores. Os critérios de exclusão foram: ser menor de 12 anos completos ou ter mais de 18 anos de idade, ser órfão de ambos os pais, não frequentar espaço de formação educativa, não residir com pelo menos um dos genitores.

Considerou-se como critério para a classificação entre camada média e popular os seguintes fatores: camada média - estudar em escola privada, morar em bairro de camada média e/ou nobre, em Salvador; e para camada popular: estudar em escola da rede pública de ensino, morar em bairro de camada popular, em Salvador.

Os adolescentes de camada popular foram acessados por duas profissionais da área de educação, funcionárias de instituições públicas: uma escola de ensino fundamental, da rede municipal de Salvador, e uma escola profissionalizante, que desenvolve projetos de qualificação profissional e inserção no mercado de trabalho junto a jovens na faixa etária de 15 aos 29 anos. Os adolescentes de camada média são estudantes de escolas da rede privada e foram indicados por pessoas conhecidas da pesquisadora e, em seguida, indicados pelos próprios adolescentes (*snowball*). Nenhum dos entrevistados tinha qualquer aproximação com a pesquisadora antes da realização das entrevistas.

3.4 INSTRUMENTOS

O instrumento de pesquisa, elaborado especialmente para a presente investigação com base na entrevista em profundidade, contém duas perguntas disparadoras: “na sua opinião, o que significa ser adolescente hoje em Salvador?”; “como você percebe a relação com os pais quando os filhos entram na adolescência?” (Apêndice A). Estas questões foram elaboradas com base na lógica da investigação narrativa apresentada por autores como Jovchelovitch e Bauer (2002) que recomendam um tópico central para desencadear o processo de narração. Com foco na livre expressão dos adolescentes, a entrevista foi direcionada pela permanente atenção ao conteúdo narrado através da empatia da pesquisadora para com os entrevistados, o que incentivou a verbalização dos participantes. “[...]. Não há experiência humana que não possa ser expressa na forma de uma narrativa.” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002, p. 90-91)

Além disso, contar histórias permite que se reviva e reflita sobre o fato ocorrido. Em uma sequência de experiências revividas através da narração, é possível encontrar explicações para os fatos. A entrevista narrativa objetiva encorajar e estimular um entrevistado a contar acontecimentos importantes sobre sua vida e o contexto social. Ela é dividida em quatro fases: iniciação, narração central, fase de perguntas e fala conclusiva. (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002)

Ainda segundo Bauer (2002):

Contar história implica duas dimensões: a dimensão cronológica, referente à narrativa como uma sequência de episódios, e a não cronológica que implica a construção de um todo a partir de sucessivos acontecimentos, ou a configuração de um “enredo”. [...] É através do enredo que as unidades individuais (ou pequenas histórias dentro de uma história maior) adquirem sentido na narrativa. (BAUER, 2002, p.92)

Para este estudo, optou-se pela entrevista em profundidade não cronológica, pois esta prioriza o enredo e não as etapas de desenvolvimento de uma história. Esta escolha se justifica pelo interesse na experiência familiar e social tal como vivida pelo adolescente. Após ser explicado o teor da pesquisa aos pais e participantes, os responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), sendo mantido o sigilo e anonimato dos participantes. O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa. As entrevistas foram gravadas em áudio, registradas no diário de campo e transcritas. Cada participante recebeu um pseudônimo a fim de não ter revelada sua identidade durante a exposição dos resultados da investigação.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

O tratamento dos dados se baseou no método hermenêutico-dialético, através de análise de narrativas, com identificação de eixos temáticos, considerando as respectivas dimensões elencadas: sociabilidade (identidade; liberdade; temporalidade e discriminação) e intergeracionalidade (monitoramento; afeto e atenção).

Tal estratégia apoia-se na vertente dos estudos não estruturados, de natureza qualitativa, que têm na pesquisa antropológica sua principal referência. Ao interpretar uma narrativa, o pesquisador recorre a diversas estratégias de análise, sendo a principal delas a descrição interpretativa estabelecida a partir de códigos ou da hierarquia de significações. (GEERTZ, 2011) “[...] As ações sociais são comentários a respeito de mais do que elas mesmas; de que; de onde vem uma interpretação não determina para onde ela poderá ser impelida a ir. Fatos pequenos podem relacionar-se a grandes temas [...] o que nos leva, finalmente, à teoria”. (GEERTZ, 2011; p.17)

Um segundo movimento de análise equivale à identificação de uma qualidade narrativa, que Paul Ricoeur indica como leitura do fato social como um texto. O ato de narrar está diretamente ligado à temporalidade, isso significa que:

[...] Tudo o que se narra acontece no tempo, desenvolve-se temporalmente; e o que se desenvolve no tempo pode ser contado. Talvez mesmo todo o processo temporal só seja reconhecido como tal na medida em que ele é narrável de uma forma ou de outra. [...] Por mais limitado que seja o problema, em comparação com a vasta gama dos usos reais e potenciais da linguagem, ele, é, na realidade, imenso. Ele engloba num mesmo título problemas vulgarmente tratados em rubricas diferentes. (RICOEUR, 1989; p. 24)

Desta forma, para facilitar o tratamento dos dados em entrevistas narrativas, é necessário selecionar e organizar a linguagem, quando estas estão elucidadas em discursos mais longos do que as frases, neste caso, os textos. (RICOEUR, 1989) “[...] É preciso procurar no uso da linguagem uma medida padrão que satisfaça essa necessidade de delimitação, de ordenação e de explicação”. (RICOEUR, 1989, p. 25)

As narrativas dos adolescentes foram transcritas e após diversas leituras horizontais e comparativas, foram identificadas dois eixos discursivos centrais – sociabilidade e intergeracionalidade – aos quais se vinculam dimensões hierarquicamente dispostas.

Os dados relativos ao eixo da sociabilidade são apresentados e discutidos no capítulo *Ser adolescente na sociedade contemporânea*. A ela se relacionam quatro dimensões, a saber:

- **Identidade** (Vivência do espaço; moda; relação com os pares; drogas);
- **Liberdade** (prazer; sorriso; resenha⁶; amizade);
- **Temporalidade** (trabalho; futuro);
- **Discriminação** (camada social; discriminação racial).

Os resultados acerca do eixo da intergeracionalidade são apresentados e discutidos no capítulo “*Relação pais e filhos adolescentes*”. Este eixo discursivo se relaciona a três dimensões organizadas da seguinte forma:

- **Monitoramento** (Autoritarismo; repressão);
- **Afeto** (Lealdade; pertencimento);
- **Atenção** (diálogo; confiança).

⁶ gíria usada pelos adolescentes que significa “fofoca”.

Existe uma tensão dinâmica entre os eixos discursivos e suas respectivas dimensões de tal modo que, neste trabalho, são tratados em separados, apenas para fins de compreensão. Nas narrativas dos adolescentes, tais conteúdos apresentam-se sob mútua influência e complementaridade.

3.6. QUESTÕES ÉTICAS

As questões éticas implícitas ao estudo têm origem na resolução 466/2013 e nos princípios estruturantes do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (prioridade superior e melhor interesse) explícitos no conjunto do documento e especificamente no capítulo II do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade. De acordo com o Art.15, “a criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento, como sujeito de direitos civis, humanos e sociais, garantidos na constituição e nas leis.” (BRASIL, 1990) O Art. 17 dispõe que “o direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias crenças dos espaços e objetos pessoais.” (BRASIL, 1990) Coerente com tais princípios, o presente estudo garante sigilo absoluto da identidade de todos os participantes, assim como, durante a entrevista, a pesquisadora agiu de modo a preservar a liberdade de expressão e respeito de crenças, valores, credo religioso e orientação sexual. A participação na pesquisa não oferece risco à saúde, à vida ou danos para os adolescentes. Se, por ventura, em algum momento, o adolescente apresentasse queixa de incômodo decorrente da participação, a pesquisadora, enquanto psicóloga, ofereceria suporte especializado e realizaria os encaminhamentos necessários. Ficou claro que a qualquer momento o entrevistado poderia desistir de sua participação, sem sofrer nenhum dano. O projeto da dissertação foi submetido ao CEP.

4 SER ADOLESCENTE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Quando se fala assim, ser adolescente, eu não consigo ver a divisão, a divisão pra mim é muito confusa e eu não consigo enxergar a fase assim, em que eu entrei na adolescência. Desde os meus nove, dez anos, eu tenho consciência do que estava acontecendo, minha mãe sempre colocou responsabilidade para mim. E não sei distinguir esta transição. (Leo, 18 anos – camada média, informação verbal.)

O presente capítulo visa analisar a forma como os adolescentes percebem suas interações com atores de diversos âmbitos da sociedade contemporânea, considerando as trocas com dimensões mais amplas do contexto, além do familiar.

No âmbito de suas vivências, os adolescentes, em geral, independente de camada social e gênero, reconhecem uma evolução na forma de perceber a si, ao outro, assim como, a visão que têm sobre o futuro, como pode ser observado na narrativa a seguir:

Quando você entra na adolescência muda tudo: o seu corpo muda, os seus desejos passam a ser outros, a sua cabeça passa a funcionar de forma diferente. Até mesmo, durante a adolescência as coisas mudam. Com os meus 13, 14 anos, eu tinha uma visão das coisas, por exemplo: ir para as festas, sair com os amigos e compromisso com os estudos. Com o passar do tempo, 16, 17 anos, eu passei a viver essas experiências de forma diferente, além de me sentir mais maduro e mais responsável com os estudos e com o futuro. (Mateus, 17 anos – camada média, informação verbal)

As mudanças psicossociais e cognitivas ocorridas na vida dos adolescentes também estão relacionadas ao espaço de contato de novas tarefas e vivências que têm origem na infância (PALÁCIOS, 1995; SILVA; HUTZ, 2002)

[...] Como resposta a esta complexidade nos seus contextos desenvolvimentais e às rápidas mudanças corporais e suas consequências, alguns adolescentes podem apresentar um desenvolvimento saudável, enquanto outros podem apresentar problemas psicológicos e comportamentais. É importante se ter em mente que essas possíveis trajetórias desenvolvimentais percorridas na adolescência estão diretamente relacionadas com as vivências e os aprendizados ocorridos nos anos de infância. (SILVA; HUTZ, 2002, p. 156)

Dentre os eixos discursivos implícitos nas narrativas dos participantes, a sociabilidade destaca-se como eixo central e, nesta seção, será apresentada a partir das dimensões: identidade; liberdade; temporalidade e discriminação. Estas dimensões se entrelaçam, pois são interdependentes e estão implícitas ao conteúdo narrado pelos adolescentes.

4.1. IDENTIDADE

As identidades juvenis também podem ser compreendidas sobre a ótica da vivência do espaço, diferenciado de acordo com as oportunidades de interação que oferece. (BRONFENBRENNER, 1996; HERNANDEZ, 2000) Desta forma, há duas definições: eles são descritos como espaços de controle, os denominados “espaços estriados”, e de liberdade que são os “espaços lisos” (PAIS, 2006). Os espaços estriados implicam, muitas vezes, em insatisfações e sentimentos de exclusão, dando a impressão de não pertencimento, como em alguns casos acontece com o ambiente da escola. Os jovens, em um contexto geral, buscam ter um bom desempenho na vida cotidiana, envolvendo-se em atividades que os libertem do constrangimento, mais voltados para o lazer e o lúdico, ou seja, eles buscam os “espaços lisos.” Ainda segundo Machado Pais:

Nos tradicionais estatutos de passagem da adolescência para a vida adulta os jovens adaptavam-se a formas prescritivas que tornavam rígidas as modalidades de passagem de uma a outra fase da vida, diríamos, então, que essas transições ocorriam predominantemente em espaços estriados. No entanto, entre muitos jovens, as transições encontram-se atualmente sujeitas às culturas performativas que emergem das ilhas de dissidência em que se têm constituído os cotidianos juvenis. (PAIS, 2006, p.8)

Portanto, no âmbito da cultura ocidental contemporânea, ser jovem está relacionado a uma forma singular de ser, a uma subjetividade, a um estilo de vida. (PORTINARI; COUTINHO, 2006) “[...] Adolescente gosta de se divertir, de passear, de ‘resenhar’ como os amigos, de conhecer muita gente. O adolescente tem a necessidade de conhecer muita gente, de conhecer mundos novos, coisas diferentes”. (Alana, 17 anos – camada média, informação verbal)

A moda pode ser considerada como um estilo de sociabilidade e vivência do espaço. Ela expressa uma visão de mundo e de viver a adolescência. (LIPOVETSKY, 2004) Sugere um modelo diante da realidade, mas também um significado que vai além do vestuário. “[...] abrange o corpo, incluindo aí não apenas a anatomia, a forma corporal, mas também os gestos, a voz, a entonação, o olhar, a postura, o andar, o tom, a textura e a tonicidade da pele, os pelos, os cabelos, enfim, esse todo que compõe a imagem pessoal”. (PORTINARI; COUTINHO, 2006, p.65)

Entre os adolescentes entrevistados, todos os aspectos acima mencionados estão presentes, assim como há certa peculiaridade em seu estilo aproximando-se de formas

alternativas de apresentação com relação aos demais entrevistados. Chama atenção, entre alguns adolescentes, o uso de um terço de cores fortes em neon como um colar, o que parece ter alguma simbologia. Ao final das narrativas, eles esclareceram a curiosidade da pesquisadora, colocando que usam o terço porque gostam e está na moda, como uma forma de *status* e relação de pertencimento.

Ainda no que se refere à moda, observou-se uma expressividade relevante através de gestos, voz e entonação. A comunicação através de gírias apareceu como aspecto central na caracterização do estilo entre os adolescentes. Na camada popular, tanto para o gênero feminino, quanto para o masculino, percebe-se na linguagem, um sotaque bem característico da Bahia, como pode ser observado na narrativa de uma adolescente, ao expressar numa linguagem tipicamente baiana, a satisfação em ser adolescente. “Oxe, é massa! Oxe, é a resenha com os amigos, as festas, aniversários, tudo de bom! [...] Ah, você convida os amigos pra resenhar na sua casa, cada dia vai pra casa de um. Aí, a gente faz pipoca, refrigerante, chocolate, tira fotos, essas coisas...”. (Fernanda, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Na camada média, em ambos os gêneros, o sotaque baiano é percebido com outra tonalidade, todavia, no que se refere à forma, a linguagem também é expressa através de gírias. “[...] É isso, eu acho que tá todo mundo meio que por dentro, tem muita fofoca. Tipo assim, tipo os lugares de sair. Como não tem muitos lugares para ir, geralmente você sempre encontra... tipo, tá sempre convivendo com as mesmas pessoas, de alguma forma”. (Talita, 17 anos – camada média, informação verbal)

No âmbito da sociabilidade, a identidade é marcada também pela busca de relação com o outro. “[...] Pois esta é um palco de transferências: de emoções, de saberes, de sensibilidade”. (PAIS, 2006, p.17) e considerando que ser adolescente significa a aquisição gradativa de autonomia pessoal e da identidade singular diante das transformações sociais. (BRANDÃO, 2006) Reforça-se a afirmativa de que o processo identitário da adolescência sofre significativa influência das relações e interações pessoais. Por isso, no que se refere à individuação, releva-se muito mais as inter-relações do que a vontade do indivíduo. “[...] A individuação juvenil é, assim concebida no âmbito de um processo de inter-relações estabelecido em diversas instâncias de socialização”. (BRANDÃO, 2006 p. 81; 82)

O ambiente é um fator bastante relevante para a compreensão do desenvolvimento do adolescente, pois propicia a interação, que por sua vez, é caracterizada pela reciprocidade. O

indivíduo em desenvolvimento molda-se e influencia mudanças no meio o qual se encontra, num processo mútuo de desenvolvimento. (BRONFENBRENNER, 1996)

Dentre as diversas formas de socialização, destacou-se nas narrativas dos adolescentes a influência dos pares e do contexto de desenvolvimento pessoal na formação da identidade. Muitos adolescentes apontaram, a partir das suas próprias realidades, a importância dos valores recebidos na família para sua formação, mas relataram momentos em que se sentiram vulneráveis diante de situações contrárias aos seus princípios e valores, a partir de influências. Nas narrativas dos adolescentes de camada popular, chamaram atenção situações que envolvem drogas. Alguns relataram terem se sentido bastante atraídos, porém recuaram: “[...] Eu mesmo, quando vieram me oferecer drogas, eu pensei: poxa, os meus pais já me colocaram tantos sonhos... tantos planos, para eu deixar tudo pra lá...” (Luis, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Outros disseram que nem pensaram em aceitar:

[...] Eu falo com todo mundo da rua, ora, nós brincamos juntos de carrinho, quando a gente era criança! Minha mãe não gosta, ela acha que por eu falar com as pessoas que usam drogas, vou passar a usar também, só que isso não tem nada a ver, porque quando eu encontro com eles, eu digo: Saiam dessa, o que adianta ter dinheiro e não ter liberdade?”(Cauã, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Todavia, ampliando o sentido *de ser adolescente* para além de suas próprias realidades, os participantes relataram que há muitos casos de adolescentes que passam a agir e pensar diferente a partir de influência dos pares. O consumo de drogas e tudo o que diz respeito a este fator foi percebido quase que de forma unânime nas narrativas dos adolescentes de camada popular, tanto na fala dos meninos, quanto na fala das meninas, como uma das dificuldades de *ser adolescente* em Salvador.

Os participantes apontaram que o tráfico de drogas, explícito nas comunidades, funciona como uma espécie de atrativo na perspectiva de mudar de vida, neste sentido, as drogas representam maior poder de consumo, sendo a moda um dos principais bens almejados. Este aspecto não aparece na realidade dos adolescentes que narraram, mas ao falarem de outros adolescentes, deixaram subentendido que os que estão envolvidos com drogas apresentam-se na comunidade vestidos com roupas de marcas e aparentando ter maior poder aquisitivo do que a realidade dos vizinhos. Vale ressaltar, que se percebe certo envolvimento dos participantes com drogas, mesmo que não explicitamente referido. Há

alusão ao envolvimento com o que eles definem de *vida errada*, em experiências que deixam transparecer a aproximação com as drogas, como aponta a narrativa de um adolescente ao falar da relação de vínculo com um tio, que se encontra preso por tráfico de drogas. O jovem também aponta a aproximação com o tio, como uma das causas de conflito com sua mãe, no momento em que ele entrou na adolescência:

[...] Lá onde eu moro, é aqui em cima, tem muito vagabundo, mas só que, quando eu passo, eu falo com eles, dou boa noite, falo com todo mundo, aí minha mãe ficava achando que eu já tava andando com eles, mas só que não. Meu tio, ele veio morar aqui, aí ele começou a se envolver com drogas, aí, andar armado, essas coisas. Eu era muito apegado com meu tio, minha mãe fez de tudo para ele sair deste mundo, mas não conseguiu. Eu andava muito com ele, de vez em quando, a gente bebia juntos. Os próprios amigos deles armaram para pegar ele, aí eu fiquei com muita raiva, aí minha mãe ficou com medo que eu entrasse nesse mundo para vingar meu tio, mas só que não, eu disse a ela que eu não *sou cabeça fraca*, que ele entrou nesse meio porque ele quis. (Gabriel, 15 anos – camada popular, informação verbal)

A relação com as drogas, também é apontada pelos participantes como precursora de outras vulnerabilidades juvenis, pois propicia o envolvimento em brigas, a prática de sexo casual e desprotegido, a exposição a doenças como hepatites, DST's, AIDS, bem como o abuso sexual. Este dado é reconhecido em estudos nacionais e internacionais, relatados pelo UNICEF (2011). A esse respeito, uma adolescente de camada popular aponta:

[...] Quando tem essas festas que os meninos fazem, rola de tudo, bebida, drogas, de tudo. Eu gosto de ir, mas vou com minha irmã e minha amiga, a gente vai para se divertir: dançar, dar risada, ficar com os meninos... mas tem gente que passa dos limites, que bebem e usam drogas[...] isso é coisa de quem tem *a cabeça fraca*, eu, minha irmã e minha amiga, ficamos longe disso, o pior é que quando se fica bêbado e drogado, não se dá conta de nada, aí tem relações sexuais sem camisinha, se envolvem em brigas, é por causa disso que existem as brigas e as violências nas festas. [...] Sábado fomos para uma festa, e um menino puxou a faca para o outro. (Lara, 14 anos – camada popular, informação verbal)

Entre participantes de camada média, as drogas também são consideradas como um fator de vulnerabilidade, porém, com menor ênfase. Este aspecto foi observado de forma bastante implícita, nas narrativas dos jovens, tanto meninas quanto meninos, como aponta a narrativa a seguir: “[...] A gente é convidado para experimentar várias coisas, viver experiências novas, são muitas novidades...” (Mateus, 17 anos – camada média, informação verbal).

Ainda no que se refere à amizade e relação com os pares, os adolescentes, tanto de camada popular, quanto de camada média, reforçaram ser relevante na construção da

identidade. Eles a associam aos modos de vestir, de falar, assim como, apontam que se sentem induzidos a agir de determinada forma para não correrem o risco de serem rejeitados pelos grupos. Dentre os entrevistados, um adolescente de camada média explica que, muitas vezes, o jovem ultrapassa os seus desejos, seus limites e valores para sentir-se valorizados em meio a uma relação de pertencimento:

[...] Ultrapassar é você não querer fazer as coisas, mas você faz, porque... você quer mostrar que é igual. É ... geralmente a adolescência é um momento muito vazio, né? Que você quer preencher, aí, se caso você, de certa forma, não fizer algo, não sair, não fizer amigos, como não está encaixado em nada, fica meio vazio assim, então, é ultrapassar o que é inato, o que é seu, pra se adequar ao que está imposto. (Leo, 18 anos – camada média, informação verbal)

Os pares são apontados como um fator de vulnerabilidade, mas também de possibilidades de desenvolvimento. Nas suas narrativas, a maioria dos adolescentes expressa certa vontade de construir algo, demonstra vocação e habilidades para determinadas atividades, o que, em alguns casos, é influenciado no âmbito das relações com seus pares. Eles falam em perspectiva de crescimento, e, apesar da tendência a querer viver a “liberdade”, também demonstram interesse por projetos futuros. Os participantes ressaltaram o protagonismo expresso nas narrativas acerca do envolvimento em uma série de atividades. Eles perpassam a prática de esporte, participação de cursos de informática e profissionalizantes, de projetos de danças e outros projetos juvenis, jogar bola com os colegas da rua. “Eu gosto da dança, eu danço por prazer” (Marcelo, 17 anos – camada popular, informação verbal) A narrativa abaixo ilustra o entusiasmo de uma adolescente ao falar sobre um projeto do qual participa:

Eu danço valsa num grupo de dança que se apresenta em 15 anos. Eu não sou de sair de casa, de ir pra festas, só vou pra festa com o grupo, quando tem 15 anos. A gente não ganha dinheiro, o dinheiro recebido, fica no caixa do grupo, para pagar as roupas, transporte, as despesas sabe? Eu adoro dançar e estar com o grupo, nós somos uma família. (Juliana, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Outro adolescente, ao relatar sobre sua rotina, revela: “[...] durante a semana, além da escola, eu vou pra capoeira, para o ensaio na escola, jogo bola com os meus amigos. Eu gosto também de jogar bola com os meus amigos, na praia, final de semana”. (Gabriel, 15 anos – camada popular, informação verbal) No que se refere a interesses e habilidades, um adolescente de camada popular afirma:

[...] Eu comecei a trabalhar cedo, desde os meus 15 anos. Eu trabalhava porque eu queria ajudar minha mãe em casa e também porque eu gostava. Eu trabalhava numa oficina, eu sempre gostei de mexer com carro, essas coisas. Eu agora to fazendo curso de informática, uma grande oportunidade que eu encontrei aqui no projeto. Eu pretendo montar uma loja de manutenção de micro computador, eu adoro trabalhar com máquinas. (Marcos, 16 anos – camada popular, informação verbal)

Os adolescentes valorizam os estudos e, em alguns casos, demonstram desejo de independência financeira. Entre os adolescentes de camada popular este desejo é relacionado à necessidade de sobrevivência, de ajudar a família. Já na camada média, é uma necessidade de autoafirmação, de não precisar depender dos pais para todas as suas demandas, como pode ser constatado na narrativa a seguir:

[...] Eu acabei de passar no vestibular e não vejo a hora de começar a estudar, já estou agoniado, a gente vê todo mundo, todos os nossos amigos na faculdade e aí, a gente quer estar no mesmo nível que todo mundo. Eu também quero começar a trabalhar, acho que isso vai acontecer este ano, ainda, trabalhar assim, nessas lojas de shopping, sabe? Acho muito importante ganhar o próprio dinheiro, poder pagar as minhas coisas, as minhas saídas, sem ter que pedir sempre dinheiro para os pais, acho que trabalhando e pagando algumas coisas, a gente valoriza mais o dinheiro. (Mateus, 17 anos – camada média, informação verbal)

O adolescente possui um grande potencial de realização e transformação social. Este potencial singular que é o jovem pode ser transformado em protagonista, principalmente se considerarmos que atualmente o Brasil conta com cerca de 21 milhões de adolescentes entre 12 e 17 anos. (IBGE/PNAD, 2009) Para isso, faz-se necessário quebrar preconceitos e descobrir novas formas de entender o adolescente. Dentre a gama de potencial que os adolescentes representam, destacam-se a energia e a criatividade, em virtude de estabelecer novas prioridades e visões inovadoras, sobre os desafios dos próximos anos. (UNICEF, 2011)

4.2. LIBERDADE

O eixo liberdade⁷ tem como pilares centrais o prazer, o sorriso, a “resenha” e a amizade. Em sua maioria, os adolescentes consideram muito bom ser adolescente, pois

⁷ Com base nas narrativas dos adolescentes, a liberdade aparece como eixo vinculado à dimensão sociabilidade. No entanto, seu exercício é bastante peculiar, quando se considera gênero e classe social. Há casos que nem corroboram a centralidade deste eixo, especialmente com relação às narrativas acerca da filiação, nas quais os adolescentes manifestam ressentimento para com a postura de seus pais, que vai além das cobranças e inter-relações rotineiras, e se refere a vínculo e afeto. Estes aspectos serão discutidos no capítulo IV desta dissertação, que trata sobre as relações pais e filhos.

relacionam este momento da vida a sentidos vinculados à liberdade. O sentido mais importante é o prazer. Ele permeia as interações estabelecidas pelo adolescente em diversos contextos, como o brincar, no qual se expressa e “extravasa a si mesmo”. Outro termo vinculado à liberdade e que exprime o prazer é o sorriso. É comum a referência ao dar risada: “a gente dá muita risada; eu morri de rir” são frases que revelam a importância e o alcance daquela interação ou de um determinado fato.

A liberdade e a satisfação em ser adolescente podem ser observadas no entusiasmo de uma adolescente de camada popular ao falar que:

Adolescente... a gente gosta... a gente gosta de brincar, a gente fica lembrando várias coisas do passado... a gente quer assim, a gente quer alguém que escuta a gente, quer que a gente brinque, que a gente converse, tenha paz e amor, não aquela violência que tem na rua, que se vê, que se ouve. A gente quer tudo isso, a gente quer passeio, a gente quer ir pra vários lugares, eles que não escutam a gente, se eles escutassem a gente, eles iam saber o que é adolescente. Eu com eles lá, com meus amigos que estou no momento, ah, eles são maravilhosos, eles são divertidos! (Elisa, 14 anos – camada popular, informação verbal)

Fazer muitos amigos é uma dimensão da liberdade, que engloba diversas dinâmicas entre os adolescentes. Ir para as festas, “ficar”, “zoar”, por exemplo, são práticas muito frequentes que têm significado relevante de *status*, tanto para camada média, quanto para os adolescentes de camada popular. De acordo com a narrativa de um adolescente de camada média:

Viver adolescência em Salvador é... como é que eu vou dizer: você tem que ser bem visto, você tem que ter amigo, tem que sair, se sentir bem, você tem que.. ter conhecimento, você tem que ficar com muita gente, e... **isso é imposto de forma involuntária**, já é... quando o adolescente chegou na atualidade, o adolescente já chegou com isso já formado, e ele, teve que se adaptar, porque o mundo da adolescência é esse, e que alguns, ultrapassam os limites para seguir isso, e alguns..não. (Leo, 18 anos – camada média, informação verbal)

Estas práticas são modelos de novos padrões de vivência do afeto e da sociabilidade. O caráter evanescente com que os jovens vivenciam estas experiências codifica as novas configurações do mundo subjetivo. (ALMEIDA, 2006) O beijo, por exemplo, é um elemento significativo no “ficar”, pois “[...] Assume a condição de performance, de intransitividade, fisicalidade, arma corporal, descarga rápida da emoção” (ALMEIDA, 2006, p.150) aspectos que também simbolizam a liberdade.

Nesse interesse, ressalta-se o valor da amizade inserida em uma rede de significados. No entanto, para os adolescentes de camada popular, não é possível confiar totalmente nos amigos. Tanto meninos quanto meninas sentem-se felizes em estar com os amigos e consideram a amizade uma das coisas mais prazerosas e importantes, todavia, não se sentem seguros para trocar confidências. Chama atenção o número de adolescentes que relatou não confiar nos amigos, e por isso, ao falar de amizade, os participantes fazem questão de diferenciar amigos de colegas: “[...] Meus amigos são muito bem selecionados, agora, amigos, amigos, eu devo ter uns 10, 11, colegas tenho muitos”. (Felipe, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Eles reconhecem que há muita “traição” e, portanto, devem ser cautelosos quanto a confiar nos amigos. Alguns adolescentes relataram que já tiveram experiências frustrantes com amizades. “[...] Eu confio muito nas minhas amizades, mas, eu já quebrei muito a cara por causa disso” (Joana, 17 anos – camada popular, informação verbal).

Outros revelaram a importância da confiança mútua e reforçaram a cautela quanto a ter amigos:

[...] Amizade, ele tem que confiar em mim e eu confiar nele, porque hoje em dia amizade é assim, só tá ali porque tá com interesse em alguma coisa, daí, eu abro meu coração e vejo quais são as minhas amizades. Não é com todo mundo que eu ando, não é qualquer pessoa que eu deixo entrar na minha casa. (Luan, 16 anos – camada popular, informação verbal)

A dificuldade com relação à confiança é um elemento comum ao gênero, todavia, tanto as meninas quanto os meninos, interagem com pares estabelecendo laços de amizade. Percebe-se maior tendência em formalizar grupos por afinidades entre as meninas do que entre os meninos.

Na camada média, a amizade é vivenciada de forma intensa. Eles têm certa convivência e aproximação com as famílias dos amigos e passam a ter tanta intimidade com estas famílias, que em muitos casos, sentem-se como “membros” delas. Eles tendem a selecionar as suas amizades, mas, ao contrário do que ocorre na camada popular, a confiança parece ser um aspecto implícito nesta escolha. Ela vem com o tempo, com a convivência. Desta forma, a princípio, os grupos de amigos se formam apenas por identificação e afinidade. Em relação ao gênero, a diferença é que as meninas tendem a formar as chamadas “panelinhas”. Elas estão sempre juntas nas festas, nos cinemas, nos estudos, nas “resenhas.” Isso não significa que não tenham proximidade com outras pessoas: “[...] A gente fala com

todo mundo, mas sair mesmo, estar juntas, considerar amigas, só aquelas que a gente se identifica mesmo.” (Diana, 15 anos – camada média, informação verbal)

Em relação aos meninos, há laços que eles consideram *amizade verdadeira*, aqueles amigos que com o tempo se estabelece relação de confiança mútua, com quem trocam confidências, desabafam, aqueles que acreditam poder contar a qualquer momento. Porém, se organizam em grupos mais abertos, ou seja, também consideram a amizade de uma forma mais geral, agregam novas pessoas ao grupo: amigos dos amigos, pessoas que conheceram em uma festa, no futebol, na casa de alguém, em uma viagem, por exemplo. Aqueles que já conhecem há algum tempo, mas não estabeleceram confiança, também são considerados amigos. Estes aspectos são apontados nas duas narrativas a seguir:

Amizade na adolescência, eu acho que é bem forte, eu acho que você começa a criar laços, que eu acho que são muito mais fortes do que antes. Você começa a ver, ah, segundo ano... a escola já tá acabando...daí você começa a pensar quais pessoas você vai manter o vínculo quando tiver na universidade... Daí, você começa a criar laços, a sair juntos... e acaba tratando eles como alguém da família, aí vem pra casa..., acaba ficando muito próximo mesmo. (Rodrigo, 17 anos, camada média, informação verbal)

Uma boa parte dos meus amigos são amigos bem antigos, que eu conheço desde a terceira série, e... Outros que eu conheço na quinta e tal. Tem alguns outros amigos que eu conheço há pouco tempo, que conheci ano passado, esse ano que eu já considero bons amigos também. (Mateus, 15 anos – camada média, informação verbal)

Ainda no que se refere à amizade, o fato de sair com os amigos, para ambas as camadas sociais, também significa ter liberdade. Eles sentem-se livres para expressar suas ideias, desejos, fazer coisas que gostam, sem a sensação de serem avaliados ou julgados. Sentem-se compreendidos e acolhidos entre si: “[...] Acho que é uma fase assim que o jovem está meio que se soltando dos pais, né? Muita gente não entende, muitos pais não entendem, é um processo meio complicado, mas se souber levar com jeitinho...” (Sâmia, 18 anos – camada média, informação verbal).

Alguns adolescentes expressam satisfação ao narrar o momento de transição em que deixam de sair com os pais e passam a sair só com os amigos:

[...] É, mas... eu não sei, quando você começa a se sentir adolescente assim, é quando você começa... a querer ter um pouco mais de liberdade, que seus pais começam a te deixar sair no *shopping* sozinho com seus amigos, que, eu pelo menos senti muito a fase: andar no *shopping* com os pais e andar no *shopping* com os amigos, aí, eu acho que tem esse marco assim, de mais liberdade, de você ir mais pra festa assim, ir pra festa de noite. Mas assim, eu

acho que em Salvador, eu acho que tem muita opção com, com os amigos mesmo, porque eu acho, que tem pouca coisa assim pra fazer, então, pra mim, é muito assim, com os amigos, é sair pra casa do outro, é, ir, ir pro cinema, ir, comer alguma coisa... Acho que é, que é, parte assim de mais liberdade assim, você sai um pouco da, daquela rotina de antes, quando você ainda era criança. (Rogério, 16 anos – camada média, informação verbal)

A “resenha”, outra dimensão da liberdade, muito comum entre os adolescentes nas conversas com amigos, significa uma forma de extravasar, se divertir, de viver a adolescência: “A gente se diverte, né? Fala besteira, dá risada, vivencia coisas, é um momento muito divertido pra gente.” (Alana, 17 anos – camada média, informação verbal)

A resenha, ou mais comumente denominada “fofoca”, expressa códigos simbólicos e valores em torno de dimensões estruturantes da vida social e familiar, como a honra e a lealdade. Cláudia Fonseca (2004), ao retratar grupos populares gaúchos em seus estudos etnográficos, focaliza a conversa informal entre vizinhos e amigos como balizador da vida comunitária por meio da qual se controla o comportamento do outro e se compreende o quanto é possível confiar e hierarquizar papéis.

No que se refere a grupos, a “fofoca” revela um aspecto da identidade e indica limites sobre o comportamento grupal, através da simbologia que rege as “normas”. “[...] Não se faz fofoca sobre estranhos, pois a estes não se impõe as mesmas normas; ser objeto sujeito da fofoca representa a integração no grupo.” (FONSECA, 2004, p.42) Entre os participantes do presente estudo, nas “resenhas”, surgem assuntos relacionados ao evento do dia anterior, aos encontros na escola, aos diversos comportamentos das pessoas que vivenciam coisas que são muito divertidas em um momento esperado e prazeroso.

4.3. TEMPORALIDADE

Ainda no que se refere a “ser adolescente”, destaca-se a percepção de tempo marcado pela fugacidade e que, portanto, deve ser aproveitado intensamente. Os adolescentes, independente de camada social e gênero, querem tanto viver essa fase que, na sua perspectiva, rapidamente evanesce, que não têm paciência para considerar a opinião dos pais e, por isso, se descrevem como reativos, isto é, respondem priorizando a emoção e têm dificuldade para ouvir e aceitar o ‘não’ dado pelos pais. Este aspecto é apontado como principal fonte de conflito com os pais. Ressalta-se, ainda, que embora os adolescentes tenham pontuado esta dificuldade, em sua maioria, recua e aceita a decisão dos pais.

“Eu só comecei a sair com 16 anos, mas isso, tentando antes, com 14 e 15, mas 16 foi o momento, que realmente minha mãe viu que não tinha... como proibir. Eu sempre questionava né? Porque não, por que não, por que não?... na verdade, minha mãe dizia que ela confiava em mim, o que ela não confiava era nas pessoas, o que podia ocorrer comigo... com uma falta de atenção minha.. porque na visão da mãe da gente, nós somos crianças ainda né?” (Carlos, 18 anos – camada popular, informação verbal)

Desta forma, os participantes expressam certa preocupação com o caráter evanescente da adolescência, ao afirmar ser necessário aproveitar todas essas coisas enquanto são adolescentes. Este aspecto evidencia um eixo central e subjacente ao conceito de geração: a temporalidade. A perspectiva do tempo, que passa, e do modo como ele deve ser aproveitado, reflete a atitude pessoal diante da vida e direciona o modo como o cotidiano é organizado. Este eixo é vivenciada de forma similar nas camadas sociais popular e média. Os adolescentes temem arrependem-se por não aproveitarem as oportunidades de viver a adolescência, em seu “leque” de possibilidades. Eles sentem-se pressionados, por parte dos pais e da sociedade, para utilizar seu tempo em prol do futuro, como pode ser observado nas duas próximas narrativas:

A gente vai crescer, vai ter que se preocupar com algumas coisas, entendeu? Naquele momento, a gente precisa curtir. Não curtir, fazer coisas erradas, mas, curtir o momento sabe? Se tiver um passeio, a gente ir, não tiver que se preocupar com outras coisas. Se preocupar assim, com a escola, que também é uma responsabilidade que faz parte da nossa vida, mas que...sei lá... Aproveitar cada momento, cada segundo, e sabe, não ter que se preocupar com tanta coisa assim. Tem adolescente que se preocupa muito, que se fecha muito com tanta coisa, coisas que, eu acho que podem ser deixadas pra mais, mais tarde. (Joana, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Eu penso assim, eu acho que ainda é assim, ser adolescente é meio imaturidade. Eu penso que na adolescência você tem que aproveitar tudo que você tem que aproveitar, porque, você vai ficar velho e você vai ficar com vontade de fazer tudo que você não fez. Então assim, pra mim, adolescente, claro, tem que ter as suas responsabilidades, mas, eu acho que essa é a época de curtir, de sair... com os amigos, aproveitar mesmo, tudo, porque depois, a vida passa tão rápido! Porque assim, as pessoas mais velhas, elas não pensam assim dessa forma, elas dizem que pensar assim é uma bobagem, que o tempo passa, e aí você ficou curtindo, não estudou... Eu acho que você tem que balancear, mas... eu acho que quando você vai ficando mais velha, você vê que esse pensamento é mesmo de, de, de adolescente. Adolescente gosta de sair, ir pra festa, namorar. (Angélica, 17 anos – camada média, informação verbal)

Apesar dos adolescentes de ambas as camadas sociais apresentarem esta inquietação, nas narrativas de muitos jovens de camada popular o futuro parece já ter chegado. Eles se percebem adultos, ao entrarem na adolescência sentem-se com a obrigação de ajudar no

sustento da casa, e apesar de alguns considerarem “normal” trabalhar na adolescência, a maioria percebe o trabalho como um fator impeditivo para aproveitar esta fase. No entanto, a responsabilidade com o trabalho aparece em maior proporção nas narrativas dos meninos, do que nas das meninas. Elas consideram importante trabalhar, mas, para a maioria, o trabalho está relacionado a projetos para o futuro, não se sentem com a obrigação de ajudar nas despesas da casa. Desta forma, para os adolescentes de camada popular, o trabalho implica em uma visão mais madura e em assumir certa responsabilidade. Segundo eles, os pais trazem este discurso desde quando são crianças.

Neste ínterim, alguns adolescentes pontuaram a preocupação com o futuro e mudar de vida: fazer faculdade, ter uma profissão e um bom emprego:

Eu pretendo terminar o curso de manutenção de micro e começar a trabalhar, assim, primeiro começar assistência em domicílio, muitas pessoas precisam desse tipo de assistência, porque não têm tempo de sair para levar seus equipamentos para manutenção. Então acho uma boa oportunidade, depois, quem sabe, monto meu próprio negócio. (Luis, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Porém, a maioria coloca o trabalho imediato como prioridade e condição para alcançar independência:

Ser adolescente...é ser uma pessoa quase que independente. Eu gosto de trabalhar pra ajudar minha família [...]. A independência é como eu disse trabalhar, ajudar minha família. Eu gosto de ajudar muito minha mãe [...] Todo dinheiro que eu ganho, eu divido com ela, pra ajudar manter a casa. (Joel, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Para os adolescentes de camada média, a relação com o trabalho está, em grande proporção, relacionada ao futuro. Todavia, este futuro está mais distante e, portanto, acreditam na importância de se ter certa responsabilidade, mas, não deve ser algo que atrapalhe o que eles consideram “viver a adolescência”.

[...] É saber curtir a vida, entendeu? A gente tem muita festa pra ir... tem que ter muita responsabilidade na questão de estudo. Sua vida acadêmica realmente é algo muito importante, porque ... Eu mesmo acabei de fazer o Terceiro ano e foi muito puxado, mas eu acho que eu consegui conciliar bem minha vida acadêmica com a vida social, eu acho que é muito importante essa conciliação” (Mateus, 16 anos – camada média, informação verbal)

A relação com o futuro, vivenciada pelos adolescentes de camada média, é similar entre os gêneros feminino e masculino. Percebe-se a relação com o **trabalho** como um eixo subjacente à **temporalidade**. O tempo como aspecto central das relações geracionais

representa tanto oportunidade de crescimento e desenvolvimento, quanto risco no âmbito da capacidade do jovem em administrá-lo e do contexto social o qual pertence (DONATI, 2003). Faz-se necessário verificar como o jovem lida com seu tempo relacionado ao modo de vida e de convívio com ambientes como escola, família, amigos e as demais realidades do cotidiano. Ainda segundo Donati (2003): “existem jovens que organizam seu tempo em prol de um objetivo concreto, neste caso, percebem o tempo como oportunidade e opção de vida” (DONATI, 2003, p. 2) “Eu tenho vários planos: Eu pretendo terminar o curso, me empenhar no trabalho, poder ser promovido e sei lá, renovar, alguma coisa, como profissional e depois tentar até montar... uma loja assim, manutenção de microcomputadores”. (Robson, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Outros priorizam atividades de motivação espontânea, procuram prazer momentâneo e tendem a minimizar atividades escolares e estudos. “Eu não gosto muito de estudar, estudo porque não tem jeito. Minha mãe e minha tia ficam o tempo todo no meu pé, me mandando estudar. Eu adoro estar com meus amigos, resenhar no *facebook* e ir para festas.” (Norma, 14 anos – camada média, informação verbal)

Existem ainda os que priorizam a convivência com os amigos e, em muitos casos, não demonstram muita preocupação com projetos futuros “[...] Eu penso em continuar meus estudos, em trabalhar... só isso! Quero ver minha mãe orgulhosa de mim, mas...prefiro não pensar muito nessas coisas agora!” (Lara, 14 anos – camada média, informação verbal) Portanto, segundo Donati (2003), o modo como o jovem vivencia o tempo reflete em um sentido da proteção, tanto no que se refere ao ambiente em que ele vive, quanto ao conteúdo acessado por ele na sua temporalidade.

Por outro lado, o tempo pode oportunizar uma história de relações que inserem o jovem em níveis de maior compromisso social o que, de certo modo, promove o desenvolvimento de suas capacidades. Para Donati (2003), o jovem carrega consigo uma pergunta a respeito do significado do tempo, mas quando não encontra essa mesma preocupação no adulto, insere-se em atividades que variam do risco (atividades exploratórias; atividades aleatórias, isto é, sem nenhuma programação) à administração do tempo, organizado de acordo com os padrões sociais (atividades institucionalmente prescritas; atividades institucionalmente escolhidas, mas que levam em conta o interesse do jovem).

Tal perspectiva se reflete na análise de Machado Pais acerca do impacto da economia sobre a confiança das gerações quanto ao futuro. A falta de perspectiva de futuro, pautada na

realidade atual vivenciada pelos jovens, no momento em que percebem que seus objetivos não condizem com as perspectivas oferecidas pela sociedade, implica em crise de identidade. Essas angústias são decorrentes tanto de expectativas do próprio jovem, quanto do que os adultos e/ou a sociedade esperam deles. (PAIS, 2006)

Enquanto para alguns jovens a posse do presente é pura fonte de prazeres imediatos, para outros é um tempo de fabricação de utopias, embora a natureza destas varie entre os que alimentam a esperança de realizá-las e os que pensam que o importante não é realizar sonhos, mas ter sonhos por realizar (PAIS, 2006, p. 8)

Alguns adolescentes expressam a vontade de transportarem-se para um tempo **futuro**, como uma forma de imitar os adultos, não na perspectiva de compromisso, mas na vantagem de fazer coisas como se fossem adultos, ter a “liberdade” que os adultos têm. A narrativa abaixo retrata a ansiedade de um jovem em poder vivenciar esta liberdade:

A gente gosta de sair para beber como adulto faz. A gente se acha adulto. A gente acha que já pode quando faz seus 15 anos, que pode chegar tarde em casa. Mas eu saio, mas minha mãe não fica mais preocupada agora, porque minha mãe disse que não tem mais jeito, que eu fico na rua mesmo, mas eu acho que tem que dar uma satisfação, tipo: oh, minha mãe eu vou sair! Eu até hoje falo assim: mainha, eu vou viajar, só volto tal data. De lá eu posso ir pra tal lugar, digo que eu to indo...aí bebo bebo, faço besteiras, abuso em bares, porque fazendo isso, você acha que tá grande, mas ainda tá de menor. (Leandro, 17 anos, camada popular, informação verbal)

A compreensão da temporalidade são, em parte, determinadas pelas condições sociais do momento histórico, podendo ser diferentemente valorizadas segundo a sociedade em que se vive. (MOTTA; AZEVEDO; GOMES, 2005) Também pode ser considerado imensurável, desta forma, deve ser compreendido de dentro de um contexto qualitativo. O fenômeno da contemporaneidade é de extrema importância para a compreensão do tempo subjetivo, o que significa uma similaridade de influências em detrimento de apenas uma data cronológica. (WELLER, 2010)

4.4. DISCRIMINAÇÃO

Entre os participantes de camada popular, a discriminação merece destaque, principalmente entre os meninos, que apontaram se sentir rotulados frente a uma gama de preconceitos, principalmente no que se refere à imagem e preconceito racial contra

adolescentes negros, o que os coloca muitas vezes em situações constrangedoras e até mesmo de risco, como pode ser observado nas duas narrativas a seguir: “[...] Os adolescentes de cor negra são muito discriminados na escola e na rua também.” (Leo, 16 anos, camada popular, informação verbal)

[...] Se tiver em uma loja uma roupa que um marginal usou e na rua tiver um filhinho de riquinho e um negro vestindo a mesma roupa que o marginal usou, o policial não vai abordar o filho do riquinho, ele vai abordar o negro e é capaz até de um policial colocar provas contra ele, que ele não fez, entendeu? Isso acontece muito também. (Marcelo, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Em suas narrativas, os adolescentes expressam indignação diante de uma sociedade a qual, em determinados momentos, parecem não pertencer. São confundidos com ladrões, discriminados nos espaços públicos. Gostam de sair em grupos para *resenhar*, passear, lanchar, mas não são bem vistos nos lugares aonde chegam. Eles têm esta sensação quando vão à praia, estão em grupos passeando pelas ruas, enfim, segundo eles, existe um olhar diferenciado da sociedade para com os adolescentes negros e de camada popular. A narrativa a seguir ilustra o sentimento de indignação de um jovem, diante do preconceito, ele se expressa com linguagem forte, certo de que os adolescentes de camada popular são vitimizados pela sociedade atual:

[...] Quando você tá passando assim na rua, as pessoas falam, olha esse aí é vagabundo, sai daí, esse é vagabundo! Uma vez, teve até uma vez que eu fui, com meus amigos, passar ali na Seasa, aí a mulher pegou e falou: tira ele aí que o vagabundo tá passando, aí eu voltei e falei: Aqui não tem nenhum vagabundo não, aqui ninguém rouba não, aqui a gente estuda e a gente procura trabalhar, a gente não rouba não! Ai quando eu cheguei em casa, eu falei com minha mãe e aí ela disse, tá vendo como são essas coisas? Por isso que eu não quero você andando por aí, pela rua. Eu falei: não, não tem isso não mainha, eu voltei lá e falei pra ela que a gente não é vagabundo! (Gabriel, 15 anos – camada popular, informação verbal)

Outro jovem também demonstra indignação ao falar sobre “ser adolescente em Salvador hoje”:

[...] porque existem várias classes sociais, né? Existe a classe dos mais ricos e dos pobres. Os pobres são discriminados por morarem no subúrbio, as pessoas, principalmente os “riquinhos”, pensam que só porque moramos no subúrbio somos ladrões, olham pra gente com desconfiança e até medo. (Felipe, 17 anos – camada popular, informação verbal)

A discriminação é uma forma de violência contra o jovem. No imaginário social contemporâneo, a violência se destaca e deve ser compreendida a partir das questões que

perpassam camada social, gênero e gerações, sendo vivenciada de diversas formas, a depender do contexto. (CASTRO, 2009)

Além da discriminação racial e da camada social, os adolescentes, em geral, percebem-se rotulados e não compreendidos pelos pais. Entre os rótulos que recebem, muitos perpassam o senso comum acerca da adolescência. Eles destacam: “aborrecência”; não sabe de nada, não sabe defender-se dos riscos que a sociedade oferece, não sabe escolher as amizades, ser uma fase considerada difícil para os pais.

[...] Acho que as vezes, é... alguma coisa que você acaba fazendo uma vez ou outra, aí, as pessoas falam: é normal, porque ele é adolescente, ou então, é.. deixa pra lá porque isso é coisa de adolescente. Então assim, algumas ações, acabam por ser rotuladas, tipo: Ah vai ficar mais rebelde, vai querer é... fazer tudo sozinho... então tem um pouco disso. (Rogério, 16 anos – camada média, informação verbal)

As meninas sentem-se “pressionadas” pelos pais nas escolhas das amizades, na perspectiva da profissão, na forma de se vestir. Elas queixam-se de que os pais não confiam nelas, não percebem que cresceram e, portanto, algumas coisas já podem fazer sozinhas. Estes aspectos foram pontuados como motivos relevantes para a conflitiva entre pais e filhos e serão melhor discutidos no capítulo a seguir, que trata especificamente sobre este objeto.

As metanarrativas dos adolescentes refletem uma perspectiva peculiar de liberdade para viver a adolescência. Eles percebem esta etapa da vida como uma fase especial e ao mesmo tempo passageira e que, portanto, deve ser intensamente aproveitada. Há, em muitos casos, certa preocupação com o futuro e grande potencial de protagonismo. Os adolescentes, em muitos momentos, sentem um vazio e procuram preenchê-lo de alguma forma, reconhecem seu potencial, uma força, uma vitalidade na personalidade e não encontram no adulto e no modo de vida contemporâneo o respaldo para concretizá-las. Por isso, o próximo capítulo apresenta a segunda parte da pesquisa empírica, fazendo uma análise a respeito das relações intergeracionais na família, contemplando a voz dos adolescentes.

5 RELAÇÃO PAIS E FILHOS ADOLESCENTES

Este capítulo objetiva analisar as narrativas dos adolescentes acerca da relação com seus pais, enfocando o contexto familiar a partir da discussão sobre as relações intergeracionais.

Percebe-se a intergeracionalidade como um eixo central, no que se refere às relações pais e filhos, que engloba três dimensões: monitoramento, afeto e atenção. Destaca-se nessa discussão as estratégias parentais e familiares para vincular diferentes gerações e possibilitar transições que exigem espaço para o monitoramento, o afeto e a atenção.

5.1. MONITORAMENTO

As estratégias de educação dos filhos atuais, pautadas na democracia modernas (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981) têm deixado os pais confusos e angustiados quanto à forma de educar. Portanto, no momento em que eles se deparam com a desafiadora tarefa de educar os filhos, vivenciam conflitos internos e sentem-se inseguros e vulneráveis.

Apesar de estudos apontarem uma relação atual entre pais e filhos com bases em flexibilidade e distanciamento de modelos centrados na autoridade e na disciplina, incorporando valores como diálogo, negociação, tolerância (KALOUSTIAN, 2005; PRATTA; SANTOS, 2007), caberia, a partir dos achados neste estudo e em outros estudos que abordam os modelos de estilos parentais, a exemplo de Stengel (2011) e Paiva (2009), questionar de que forma os pais e filhos lidam atualmente com a liberdade no âmbito de suas relações e até que ponto a flexibilidade nas relações pais-filhos está incorporada a modelos de educação atual.

As narrativas dos adolescentes de ambas as camadas sociais e ambos os gêneros apontam para uma sensação dos jovens de serem **reprimidos** pelos pais. Eles sentem-se incomodados com as cobranças e monitoramentos intensos no que se refere aos horários de sair e chegar e, principalmente, na forma como lidam com o tempo: “[...] Minha mãe é um pouco autoritária, de um tempo pra cá que ela parou um pouco, mas é um pouco autoritária. Fala assim: você não vai porque eu não quero e pronto, eu insisto um pouco, mas ela não recua, aí, eu tenho que aceitar, é minha mãe né?.” (Ricardo, 17 anos – camada popular, informação verbal)

A falta de liberdade para namorar é uma das formas de repressão frequentemente apontadas pelas meninas. A maioria, tanto de camada popular, quanto de camada média, relatou não ter a permissão dos pais para namorar, por este motivo, namoram às escondidas, ou esperam o namoro firmar para contar, mas ainda assim, sofrem repressão: “Eu nunca tive abertura com meus pais pra falar sobre essas coisas, então, eu nunca tive a coragem de contar, quando eu falei para minha mãe que estava namorando, a reação dela foi a pior possível. Ela me influenciou a terminar, aí, não tive escolha, eu terminei né?” (Sâmia, 18 anos – camada média, informação verbal)

Outra adolescente expressa certo sofrimento ao afirmar que na adolescência a relação com a mãe mudou muito, principalmente a partir do momento em que ela confessou estar namorando. “[...] A relação com minha mãe mudou quando eu comecei a namorar e quando eu conheci mais pessoas, aí, ela começou a ficar fria, nunca mais me deu carinho. Um dia eu tava aqui na escola, comecei a chorar porque, sei lá... eu acho que ela não me ama mais.” (Janice, 14 anos – camada popular, informação verbal)

As meninas ainda apontaram que se sentem como se estivessem sendo “moldadas” por seus pais, principalmente pelas mães. Elas queixam-se do comportamento rígido de suas mães para com elas e principalmente pelo fato das mães imporem a forma como elas devem ser “A minha mãe quer que eu seja igual a ela, mas eu não sou ela.” (Larissa, 14 anos, camada média, informação verbal) Sobre este mesmo aspecto, outra adolescente fala em uma tonalidade de voz bastante forte e expressando muita contrariedade:

[...] A minha relação com minha mãe mudou bastante quando eu entrei na adolescência, porque, assim, minha mãe sempre foi muito de impor as coisas e eu nunca gostei dessas imposições, acho que tudo tem que ser dito, você pode dizer o que você quiser, mas depende muito da forma com que é dita. Ela nunca foi, assim, de conversar, ela conversava, mas, você sentia que não era uma coisa natural, entendeu? Minha mãe sempre foi muito impulsiva, tipo: oh você não vai fazer isso de jeito nenhum, você não vai vestir isso, como se ela quisesse me enquadrar do jeito dela e eu nunca gostei disso. (Sâmia, 18 – camada média, informação verbal)

Outra adolescente também relatou em um tom de indignação o fato de sentir-se enquadrada pelos pais “[...] Eu sinto que meus pais, é como se eles construíssem um modelo de ser adolescente e me desse para eu seguir, tipo, tá aí, pode seguir, esse é o modelo da adolescente correta. (Larissa, 14 anos – camada média, informação verbal)

Percebe-se que o autoritarismo aparece, em muitos casos, implícito na forma como os pais lidam com os filhos. O que, de certa forma, diferencia dos pais autoritários das épocas passadas. (KALOUSTIAN, 2005) É que, na contemporaneidade, os filhos reagem de alguma forma, no entanto, mesmo demonstrando aos pais a insatisfação quanto as suas posições, na maioria das narrativas, os entrevistados colocaram que optam por obedecer: “[...] A minha mãe é rígida, toda vez que eu vou sair, ela pergunta com quem vou, para onde vou, que horas vou voltar. Tem vezes que ela não deixa, eu insisto e ela não deixa mesmo, aí, eu me chateio, mas obedeco, fazer o que, ela é minha mãe, né? (Ricardo, 14 anos – camada popular, informação verbal)

Os adolescentes, em sua maioria, tanto de camada média, quanto de camada popular, consideram os pais bastante rígidos. Muitos deles relataram que os pais são taxativos em dizer “não”, principalmente no que se refere a namoro e programações com os amigos. No que se refere a namoro uma adolescente coloca: “[...] É porque, eles sempre diziam que eu só ia namorar com 30 anos. Eu acho que era brincando, mas eu levava bem a sério, aí, eu decidi não contar. Mas teve um dia que não teve jeito, aí eu contei [...] Eles ficaram bem chateados. Eu terminei o namoro” (Larissa, 14 anos – camada média, informação verbal)

De acordo com os entrevistados, um dos principais motivos de conflitos com os pais é o fato destes não compreenderem as necessidades dos filhos. Sair, ter amigos, interagir, ir para as festas e também de relacionarem-se com eles são ações que fazem parte desse conjunto de necessidades, frente às quais os pais enfrentam com as mesmas estratégias utilizadas quando os filhos eram crianças.

A falta de privacidade merece atenção. Algumas adolescentes da camada média revelaram sentirem-se “sufocadas” e “invadidas” pelas figuras parentais, principalmente pelas mães, como pode ser observado nas duas narrativas a seguir: “[...] Eu sempre gostei do meu espaço, agora até que não, mas antes, eu gostava quando batiam na porta, se entrassem sem bater eu não gostava, eu me sentia muito invadida.” (Sâmia, 18 anos – camada média, informação verbal) “[...] Eu lembro que teve uma época que minha mãe mexia nas minhas coisas, mexia mesmo e pra procurar prova, resultado de prova, nossa, aquilo era a morte pra mim! Eu me sentia muito invadida!” (Isadora, 17 anos – camada média, informação verbal)

Entretanto, a maioria, tanto de camada média, quanto de camada popular, trouxe esta conflitiva como uma realidade contornável. Percebe-se que esta postura autoritária dos pais é uma realidade na relação com os filhos e com as filhas, porém, a proporção é maior em

relação às meninas. Elas queixam-se que se sentem “**presas**”, que os pais não as deixam sair. As duas narrativas a seguir revelam o sentimento de adolescentes de diferentes camadas sociais, sobre a falta de liberdade de sair e fazer o que gostam:

[...] Eu senti que meus pais não compreenderam muito essa transição para a adolescência. Eu senti que eles não reagiram muito bem. [...] Eu sempre fui muito impulsiva assim, muito chata, então... eu acabei meio que passando assim, dos limites deles [...] Eles engrandeciam tanto: oh, minha filha vai pro shopping sozinha, que absurdo! Aí, eu dizia, ah, não, quero ir, eu batia o pé, eu chorava. Eu lembro que minha amiga fez uma festa, assim, numa boate, só para os amigos, aí, toda vez que tinha isso, meu pai implicava de todas as formas e não me deixava ir.”(Sâmia, 18 anos – camada média, informação verbal)

[...] Minha mãe, ela é rígida comigo, não deixa eu sair assim pra qualquer lugar, mas quando eu peço para a mãe da minha amiga vir pedir a ela, ela deixa.[...]Os meninos fazem tanta festa por aí, daí, eu minto para minha mãe, eu digo que vou pra festa de 15 anos, que aí, ela deixa[...] Eu não gosto de mentir pra minha mãe, eu me sinto mal, mas, que jeito, se ela não me entende? (Lara, 14 anos – camada popular, informação verbal)

No entanto, há adolescentes que reagem de forma tranquila e passiva e demonstram certa harmonia e equilíbrio na relação com os pais:

[...] Eu me sinto entrando na adolescência agora. Meu pai e minha mãe, sempre trataram eu e minha irmã como duas crianças, então a gente tá tendo um pouco de liberdade agora, depois de 16 anos, que eu fui ter meu primeiro namorado. Aí, eu saio mais, eu passeio mais, mas antes, era sempre em casa e sair com eles, uma vez ou outra ir na casa da tia, com alguns outros familiares. [...] Meus pais ao mesmo tempo que tirava uma coisa, supria com outra. Minha mãe, ao mesmo tempo em que está brigando, está dando risada e lá em casa, a família é muito unida. [...] As pessoas dizem que ser adolescente é a fase mais difícil, mas... sinceramente, eu não acho! Eu tenho o apoio de meus pais, eles me apoiam, o que não é certo, eles dizem... eu não sou teimosa... eu vou, pelo lado deles, eu sou uma pessoa super tranquila. (Marcela, 16 anos – camada popular, informação verbal)

Estas questões envolvem aspectos relacionais discutidos por Scabini e Ranieri (2011). Segundo este modelo, os filhos adolescentes necessitam de cuidados e monitoramento dos pais, todavia, estes cuidados devem ser pautados em uma relação flexível, na qual ao mesmo tempo em que monitoram, compreendem as suas necessidades, respeitando as fases desenvolvimentais em que o adolescente se encontra.

[...] É, sobretudo, nessa fase que os pais se sentem desafiados em contínua posição de guerra com seus filhos adolescentes, que oscilam entre fortes pretensões de mais liberdade e independência ao aparente contraditório de pedido de ajuda. [...] Diante desta ambivalência, o risco em que podem

incorrer os pais é o de serem muito envolvidos, protetores e /ou controladores da vida dos filhos. (SCABINI e RANIERI, 2011, p. 176)

As narrativas dos adolescentes a respeito da liberdade confirmam os aspectos acima mencionados, pois apontam um comportamento parental com características autoritárias, reguladoras e, ao mesmo tempo, protetoras.

5.2. AFETO

A forma como os pais chegaram à fase adulta e como passaram pelos conflitos da adolescência merece atenção. Pais seguros de suas opções profissionais, orientação sexual e ideológica, tendem a ser mais seguros e coerentes ao conduzirem a educação de seus filhos. (RAPPAPORT; FIORI; DAVIS, 1981; CARTER; MCGOLDRICK, 1995) Além disso, no âmbito das relações pais e filhos, é importante que os pais promovam um ambiente acolhedor, no qual os filhos sintam-se incentivados, protegidos e seguros, logo, possam aprender e se desenvolver.

Estas questões legitimam o vínculo entre pais e filhos, importante para a educação e formação. Os pais que lidam de forma assertiva diante das diversas fases evolutivas dos filhos passam-lhes segurança e os respaldam para as relações e interações sociais, contribuindo para a formação de uma personalidade saudável, conseqüentemente, para uma forma mais adaptativa, de olhar a si, ao outro e ao mundo, ao passarem pela fase da adolescência. “[...] os vínculos familiares são vistos a partir de seus eixos característicos: afetividade e ética. A família, de fato, é o lugar dos afetos mais profundos, assim como das responsabilidades mais rigorosas.” (SCABINI; RANIERI, 2011, p.175)

Segundo esse modelo afetivo e ético, os relacionamentos parentais são o contexto no qual se desenvolve e se internaliza a confiança, o pertencer e a capacidade dos pais de se desvincularem dos filhos no sentido de posse, e promover seu desenvolvimento de forma integral, para que possam avançar para a fase adulta com segurança e maturidade. (SCABINI; RANIERI, 2011)

Alguns adolescentes percebem o receio dos pais de desvincularem-se dos filhos, quando eles entram na adolescência. Para os filhos, os pais devem compreender que eles já não são mais crianças, que chegou um momento de uma relação mais pautada na confiança, e

quando isso não ocorre, a relação entre pais e filhos tende a se fragilizar diante das possibilidades de conflitos. Eles ainda colocam que neste momento sair somente acompanhado pelos pais já não tem mais tantos atrativos. Tem momentos que precisam estar com os amigos, precisam sair sozinhos. Em relação a isso, uma adolescente de camada média coloca:

“[...] Eu acho, eu acho que é medo de se desvincular, entendeu? Eu acho que eles sentem que o filho já tá se desapegando de uma certa forma e ele já não tem tanta dependência assim. Tem, óbvio que tem muita dependência, mas, vai, vai, diminuindo com um tempo. Então eu acho que... é esse sentimento.”(Sâmia, 18 anos – camada média, informação verbal)

Retomando ao modelo afetivo e ético, proposto por Scabini e Ranieri (2011) percebe-se certa coerência com as narrativas de alguns adolescentes entrevistados, que veem na família uma relação de aconchego, de confiança mútua, demonstrando afeto pela família e a sensação de pertencer à mesma, como ilustra a narrativa a seguir:

Na minha casa geralmente é assim, um final de tarde, tá todo mundo lá, a gente começa a conversar de coisas que acontecem na vida, sem destino, uma conversa descontraída. Eu acho que cria vínculo e confiança, né? Porque... muitos jovens não têm confiança nos seus pais, preferem contar as amigas do que aos seus próprios pais, sabendo que seus pais já passaram por aquilo, talvez e as amigas, não, elas são do mesmo nível que você. Eles têm um aprendizado maior e a gente consegue aprender mais. (Marília, 16 anos – camada popular, informação verbal)

No que se refere à relação com a mãe, um adolescente de camada média demonstra respeito, afeto, sintonia e confiança mútua. Segundo ele, é uma relação construída desde a infância:

Minha mãe sempre colocou responsabilidade pra mim, distribuiu sempre as coisas. Por exemplo: Nós precisamos fazer tal coisa, sempre foi colocado assim, entendeu? Por exemplo, e... Nós precisamos não gastar com isso, pra fazer isso, entendeu? Faz parte da gente, nós, é sempre, eu e minha mãe. Eu considero eu e minha mãe. Minha mãe é minha família e por isso, quando eu comecei a sair, mesmo ela não confiando no outro, ela já confiava em mim, então, ela sabia que não podia me privar de sair. (Leo, 18 anos – camada média, informação verbal)

Entretanto, alguns adolescentes narraram uma relação com os pais bastante fragilizada, no que se refere ao afeto, e pautada em significativos conflitos por motivos que vão além dos aspectos rotineiros narrados pela maioria dos adolescentes. Os relatos desses jovens demonstraram relações ambivalentes e desadaptativas. São relatos que chamaram atenção devido ao rancor, raiva e angústia que permeiam uma relação construída com o passar dos

anos e que, de alguma forma, interferem para que estes adolescentes vivenciem esta fase em todos os eixos categóricos, principalmente no que se refere à liberdade. Este aspecto pode ser ilustrado nas duas narrativas a seguir:

A minha relação com minha mãe é péssima. Ela sempre faz comparações de mim com meu pai. Meu pai se enforcou e ela diz que daqui a pouco vai acontecer o mesmo comigo. Ela me xinga, me diz um monte de “porcarias”[...] Eu apanhava tanto dela que chegou uma hora que eu não conseguia mais ver motivos para tanta surra. Um dia desses minha mãe disse que não gostava de mim, fiquei muito triste com isso e fiquei também sem entender direito essas coisas de mãe e filhos. [...] Mas, a maior decepção da minha vida aconteceu no meu aniversário, quando completei 17 anos. O pessoal do projeto que eu participo fez uma festa surpresa pra mim, na comunidade. A rua foi fechada, como sempre acontece quando o grupo se apresenta, teve comida, bebida, apresentações de dança, mas a minha mãe não foi, não deu a menor importância. Eu nunca tive atenção nem carinho pela família de minha mãe. Teve uma época que eu vivia tão triste com minha mãe que pensei em se matar, queria fugir, parei de ir para a escola, mas foi o pessoal da escola, principalmente o diretor, que fizeram eu desistir, eles conversaram comigo, me mostraram que minha vida tem coisas boas. (Marcelo, 17 anos – camada popular, informação verbal)

[...] Meu pai não fala comigo desde que eu ganhei um celular novo e esqueci de passar o número para ele. Ele disse que não me amava e que eu não sou importante na vida dele, portanto, não farei a menor falta. Disse ainda, que eu sairia perdendo. Às vezes eu sinto saudades, quando lembro de momentos bons com meu pai, mas hoje em dia eu não ligo mais, eu tenho tanta gente que me dá atenção! Essas pessoas suprem esta lacuna na minha vida. [...] Eu adoraria que meu pai voltasse a falar comigo, mas já que isso não acontece, não me faz mais tanta falta, no dia em que ele voltar a falar comigo, o amor não será mais o mesmo.[...] Minha mãe tem comigo uma relação de posse e eu dou muita resposta a ela. Ela costuma dizer que eu mudei muito quando entrei na adolescência, eu concordo com ela, assim, quando eu era criança, com os meus sete anos, eu era muito dócil, jamais respondia para ela, eu era bem tranquila, mas, eu já presenciei e vivenciei tanta coisa ruim na vida, que acabei me transformando. Na verdade eu fui mudando junto com a vida. Eu tenho conflito com minha mãe, só que eu, eu expesso uma coisa e sou outra, dentro eu sei que eu sou outra. Minha mãe ontem disse que não quer viver com uma pessoa de bico do lado dela. Como é que eu vou ficar feliz? Ela é muito ignorante, é braba, ela não é a mãe que eu queria ter. Apesar de tudo eu acho que eu ainda sou uma pessoa boa. (Norma, 14 anos – camada média)

Percebe-se que, na maioria das vezes, os conflitos entre pais e filhos são mediados e equilibrados, favorecendo a uma boa convivência parento-filial. Percebe-se também que o estabelecimento de vínculo nas relações intergeracionais depende de vários fatores, como, por exemplo, os socioculturais e emocionais. Ainda de acordo com o modelo afetivo e ético, (SCABINI; RANIERE, 2011) os pais devem garantir confiança e afeto aos filhos, assim como, possibilitar crescimento e acolhimento e serem assertivos em colocar regras. Desta forma, possibilitarão construir e sustentar uma relação parento-filial em base de confiança

mútua, o que possibilita uma relação harmoniosa, principalmente através da aproximação e do diálogo, aspectos, que, segundo as narrativas dos adolescentes, são negligenciados pelos pais, conforme serão discutidos no tópico a seguir.

5.3. ATENÇÃO

“Eu me sentia... eu me sentia, ai meu Deus... eu me sentia... não sozinha, porque eu tinha amigos, né? Mas... eu não sentia apoio, eu me sentia como se eu não tivesse apoio, entendeu?” (Sâmia 18 anos, camada média, informação verbal)

A narrativa em epígrafe refere um fator bastante observado nas narrativas dos adolescentes: a sensação de distanciamento dos pais para com eles. Este distanciamento aparece tanto implícito, quanto explicitamente. Vale ressaltar, que em relação ao gênero, em ambas as camadas sociais, este aspecto é mais enfatizado pelas meninas do que pelos meninos, apesar de que os meninos também percebem esta lacuna, porém lidam com mais naturalidade do que as meninas. Este paradoxo pode ser observado nas duas narrativas a seguir:

[...] Eu nunca tive muita intimidade com meu pai, nunca tive abertura com meu pai, tô tendo um pouco mais agora, mas, ainda assim, com certa distância. Ele sempre foi muito fechado, muito machista e por ser tão machista, ele achava que todas as coisas deveriam ser conversadas com minha mãe, isso me deixava insegura em relação a ele. A minha mãe também, sempre foi muito rígida, eu também nunca me senti a vontade para me abrir com ela. (Sâmia, 18 anos – camada média, informação verbal)

“[...] Algumas coisas sobre relacionamento com minha mãe eu converso, mas não todas as coisas assim, porque, na verdade, tem coisas que só a gente mesmo, a gente e Deus. [...] Eu até confio neles, mas é que eu não me sinto assim, tipo, pra falar com eles, sei lá eu não vejo necessidade, tá entendendo? [...] sinto que a relação é distante, um não compreende o outro. Acho que tem muito a coisa de que os pais erraram no passado e têm medo que os filhos cometam os mesmos erros, aí, eles ficam impedindo os filhos de fazerem as coisas que gostam, porque não confiam nos filhos. (Marcos, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Este aspecto também pode ser observado na narrativa de uma adolescente que, como muitas entrevistadas, demonstrou insegurança e desconfiança no âmbito da relação com a mãe:

“[...] Eu não consigo conversar certas coisas com minha mãe. Às vezes eu até tento chegar num assunto, só que não consigo ir adiante, aí, eu paro porque eu fico com medo que minha mãe fique falando um bocado de coisa que não existe, tipo, aí você tem que fazer isso assim, ou não faça dessa forma, eu não gosto disso.” (Juliana, 17 anos - camada popular, informação verbal)

Estas narrativas refletem uma relação pais e filhos permeada por desconfiança dos filhos sobre os pais, no âmbito das relações intergeracionais. Os filhos também pontuaram que os pais não os escutam, não se importam com os seus sentimentos e não percebem o desenvolvimento de forma holística. Os pais focam muito nos aspectos sociais e funcionais e se esquecem do suporte emocional.

“[...] Até pouco tempo meu pai trabalhava fora, ele passava 20 dias viajando, todas as vezes que ele ligava e falava comigo, as únicas coisas que procurava saber era como estava nos estudos, como estavam as notas, se eu estava frequentando direito as aulas de inglês, enfim. Eu ficava muito chateada, porque em nenhum momento ele perguntava se eu estava bem, como estavam os meus sentimentos. (Sâmia, 18 anos – camada média, informação verbal)

A narrativa acima converge com a o olhar da maioria dos entrevistados. Segundo eles, os pais preocupam-se com os aspectos mais concretos da vida dos jovens, como estudar, cumprir horários, ter cuidado com as amizades, preocupar-se com o futuro, ter cuidado com a violência. Esses diálogos tornam-se uma rotina nas relações familiares, o que de certa forma provoca um comportamento aversivo nos filhos. Estes relataram sentir falta de um diálogo por parte dos genitores, pautado no interesse a sua essência, enquanto pessoas, seres humanos singulares, dotados de pensamentos, sentimentos e desejos próprios, permeados de dúvidas e angústias relacionados a diversos aspectos de sua vida. A narrativa abaixo ilustra a experiência de uma adolescente na relação com seus pais, ao mesmo tempo em que lança um olhar para o comportamento dos pais sobre os filhos na sociedade contemporânea:

Eu acho que a maioria dos pais não tem tempo de conversar com os filhos, não têm tempo de dar atenção pra eles, aí, termina, que os filhos não têm como contar as coisas [...] Eu me distanciei bastante da minha mãe, quando entrei na adolescência. Ela cobrava muito, o tempo todo e quanto mais, ela cobrava, mais eu ficava chateada e não queria fazer aquilo que ela mandava [...] Acho que falta aproximação dos meus pais comigo, porque, eles...são muito estressados, eles chegam cansados e não têm tempo pra nada. Eu acho que os pais deveriam entender melhor os sentimentos dos filhos. (Larissa, 18 anos – camada média, informação verbal)

Portanto, percebe-se uma lacuna na relação parento-filial que passa por um momento dramático na cultura contemporânea. Esta realidade se deve às tensões geradas pelos novos

modelos de educação que se caracteriza pelo trabalho, pela necessidade de respeitar as normas de convivência, por empenhar-se para alcançar objetivos e renunciar a satisfação de necessidades momentâneas em vista da realização de projetos para o futuro. (PETRINI, 2011).

Percebeu-se na entonação de voz e expressão facial certa angústia dos adolescentes ao falarem sobre a atenção e interação com os pais, como pode ser visto na narrativa a seguir, a qual retrata a experiência de uma jovem, que, ao entrar na adolescência, passou a ter mais segredos, e este foi um dos aspectos que influenciou na mudança da relação com os pais. Ao mesmo tempo em que ela reconhece que se tratava de seus segredos, entra em contradição por sentir falta do interesse de seus pais pelos mesmos, assim como, pelos acontecimentos de sua vida, e, principalmente, pelos seus sentimentos. Ela revelou que sua solidão era amenizada através da aproximação com as primas. Para esta jovem, falar sobre si com os pais não seria muito fácil, no início, poderia sentir vergonha, mas com o tempo, poderia acontecer naturalmente:

Quando eu entrei na adolescência, eu comecei a ter mais segredos e meus pais não perguntavam e aí, ficava por isso mesmo, tipo, coisa do dia a dia, tipo de paquerinha. Minha mãe nem meu pai foram de perguntar, entendeu? Eu acho que seria melhor se eles tivessem perguntado [...] Eu acho que... quando... os pais perguntam e tal, a pessoa se sente mais...aberta pra poder dividir, porque se os pais não perguntam, as vezes as pessoas ficam com vergonha, ou então...não sente vontade de falar, não tem intimidade, eu acho que assim, a relação fica melhor.(Alana, 17 anos – camada média, informação verbal)

Sobre este mesmo aspecto, uma adolescente de camada popular demonstra sofrimento intenso ao falar sobre a falta que sente do diálogo e aproximação com os pais:

[...] Se a minha relação com os meus pais fosse assim, mudaria muita coisa, porque, eu não gosto de falar certas coisas da minha vida para meus amigos sabe? Então eu desabafo com meu travesseiro. Meu travesseiro já deve estar cansado de minhas lágrimas. Desabafo nas minhas orações. Deus também já deve estar cansadinho das minhas orações. (Joana, 17 anos – camada popular, informação verbal)

Os adolescentes percebem a postura dos pais como autoritária e demonstram angústia devido à lacuna na relação entre pais e filhos. Eles temem ser repreendidos e incompreendidos pelos pais e não se sentem a vontade para falar sobre seus desejos e sentimentos. Percebe-se nas narrativas da maioria, tanto de camada média, quanto de camada popular, que esta lacuna implica um sentimento de vazio e comportamento de esquiva dos adolescentes em relação aos seus pais. Os adolescentes muitas vezes buscam preencher este vazio no âmbito da relação

com os pares, ou por outros meios de socialização, o que pode de alguma forma, configurar-se em um fator de risco.

No que se refere ao gênero, percebeu-se que na camada popular esta lacuna é uma realidade tanto dos meninos, quanto das meninas, porém as meninas demonstram angústia mais acentuada. Na camada média, a queixa é mais comum nas falas das meninas, os meninos, em sua maioria, não enfatizaram este aspecto, ao contrário, um dos entrevistados demonstrou a partir de sua narrativa, ter maior aproximação com o pai, ao entrar na adolescência, ele descreve o pai como uma pessoa atenciosa, que se importa com as mudanças que vêm ocorrendo em sua vida e que procura esclarecer e conversar sobre vários aspectos, tais quais, namoro, sexualidade e futuro.

[...] Quando eu entrei na adolescência minha relação com meu pai melhorou muito, a gente ficou mais próximo, ele passou a ter umas conversas comigo que não tínhamos antes, tipo, namoro, sexo, projetos de futuro, estas coisas. Ele passou a me explicar porque eu sentia as mudanças no meu corpo, sobre meus desejos, libido, enfim, isso foi muito bom para mim. (Mateus, 17 anos – camada média, informação verbal)

Entretanto, os demais adolescentes do sexo masculino pertencentes à camada média, demonstraram implicitamente, através de suas narrativas, certo distanciamento na relação com os pais, outros, demonstraram haver um ponto de equilíbrio nessas relações.

A atenção e o afeto são dois eixos que se entrelaçam e se complementam na perspectiva de fortalecimento de vínculo e relação pais e filhos. Diante da lacuna relacionada a esses dois eixos, ora deixada pelos pais nas relações com os filhos, percebeu-se nas narrativas de alguns adolescentes a importância de tios e avós, tal relevância será discutida a seguir.

Portanto na perspectiva relacional, a família pode ser definida em seus aspectos físicos, orgânicos e simbólicos e como ação recíproca entre os sujeitos, envolvendo todos os membros e, no que se refere à compreensão dos filhos adolescentes, é inevitável considerar outras pessoas com as quais eles mantêm relações. (DONATI, 2008; SCABINI; RANIERI, 2011).

Este aspecto pode ser visto sob a ótica do alto investimento na carreira profissional feminina, conseqüentemente, de uma diminuição do acompanhamento direto das atividades domésticas, principalmente no que se refere ao relacionamento com os filhos; do distanciamento dos pais em relação aos filhos, seja por questões que envolvem a rotina diária, ou por fragilidade nas relações de afeto, ou mesmo por aspectos culturais. Todas essas questões têm gerado uma demanda pela presença de outros familiares como a avó ou tias e até

mesmo de profissionais que acompanhem o desenvolvimento dos filhos. Desse modo, forma-se uma vinculação pais e filhos mediada por figuras substitutivas com importante impacto para a educação.

Nas narrativas dos adolescentes, tanto de camada média, quanto de camada popular e em ambos os gêneros, as tias, tios e avós são citados como membros da família de extrema importância para as suas vidas, em alguns casos, são pessoas com quem os jovens interagem, em meio a uma relação de confiança, com quem desabafam, falam sobre si e sentem-se compreendidos e acolhidos, suprimindo de alguma forma a lacuna deixada pelos pais.

Nas narrativas abaixo, uma adolescente e um adolescente, ambos de camada popular, falam sobre a importância das avós em suas vidas. Vale ressaltar, que estes jovens, durante todo o tempo em que estavam narrando sobre suas relações com os pais, demonstraram angústia e em muitos momentos raiva por suas mães. Eles trouxeram através de suas narrativas, uma relação com as mães pautadas em “graves” conflitos permeada por significativa lacuna quanto ao vínculo e afeto:

[...] Minha avó... ela conversa comigo, ela me entende, ela, ela me dá as coisas assim, sabe, que eu quero, ela me dá amor, carinho, ela brinca comigo quando sabe que eu estou namorando [...] quando eu fico triste porque terminei o namoro, minha mãe fala: tá vendo, bem feito, eu não falei que não era pra namorar? Já minha avó não, ela diz: Fique um tempo sem namorar, depois você pensa nisso de novo! (Maria, 14 anos – camada popular, informação verbal)

[...] Minha avó me entende. Minha avó, mãe de meu pai, nunca me xingou, eu nunca xinguei minha avó [...] ela me entende, ela não vai logo me discriminando. Eu me sinto ouvido por minha avó [...] Quando eu vou pra casa dela, no interior, a gente sai junto, dá risada, é muito bom. Eu adoro ir pra lá. (Marcelo, 17 anos – camada popular, informação verbal)

A maneira como a família lida com os avós tem origem nas gerações. O aumento de pesquisas concernentes às figuras dos avós é um fato que se observa atualmente no Brasil. Isso ocorre devido às mudanças vivenciadas pela família na contemporaneidade como, por exemplo, a fatores como a longevidade humana, o trabalho da mulher fora do lar, a aceitação social de pais solteiros, bem como do divórcio e recasamento. A posição ocupada pelos avós na família pode ser central ou periférica e envolve questões de autoridade, hierarquia, tradição e relação entre as gerações ao longo do tempo. (FALCÃO; DIAS, 2006) São vários os papéis realizados pelos avós no meio sócio-histórico e familiar. Ainda segundo Falcão; Dias (2006), esses papéis são voltados para:

[...] defesa contra sentimentos dirigidos aos pais; funcionam como confidentes e companheiros; fortalecem a auto estima e a independência dos netos, uma vez que não tem que provar mais nada e não sentem a necessidade de retê-los junto a si; moderam a influência negativa que os pais possam ter sobre os filhos; atuam como intermediários nos momentos de crise vividos pela família; ajudam os netos a entenderem melhor os pais e influenciam em vários aspectos da vida deles como, social; cognitivo; emocional e moral. (FALCÃO; DIAS, 2006, p. 48)

Outra adolescente, também trouxe em sua narrativa uma relação de conflito e fragilidade no afeto e vínculo com os pais. Ela demonstrou um sentimento de *vazio* relacionado ao distanciamento dos pais. Apesar deste distanciamento, a jovem revelou que se sente amparada pela avó e principalmente por uma tia com quem formalizou forte vínculo e a quem ela tem apreço e muita confiança. Ao falar sobre sua angústia a respeito da ausência do pai, a adolescente coloca que:

Às vezes eu sinto saudades, quando lembro de momentos bons com meu pai: quando saíamos juntos, quando brincávamos juntos, mas hoje em dia, eu não ligo mais, eu tenho tanta gente que me dá atenção! Essas pessoas suprem esta lacuna na minha vida, tanto do amor de meu pai, quanto da ausência de minha mãe. São muitas pessoas que me apoiam, principalmente minha tia. Eu adoraria que meu pai voltasse a falar comigo, mas já que isso não acontece, não me faz mais tanta falta, no dia em que ele voltar a falar comigo, o amor não será mais o mesmo. [...] Eu converso muito com minha tia, ela é minha “psicóloga”! Eu converso tudo, tudo com ela: se eu tiver um namoradinho, tudo, tudo eu converso com minha tia [...] Eu nunca dei uma resposta malcriada pra minha tia, ela é muito boa para mim. (Norma, 14 anos – camada média, informação verbal)

No âmbito das mudanças na família contemporânea, a tendência a um maior controle de natalidade propiciou uma atenção mais centrada dos pais para com os filhos. Em alguns casos, a força e a estabilidade do casal passou a se dar em função do filho, pois os cônjuges passaram a se reconhecer enquanto tais na relação que estabelecem individualmente com a criança. (SCABINI, 2011) Entretanto, essa relação assume novos contornos na adolescência, com o progressivo distanciamento entre as gerações, passando do conflito ao surgimento de uma lacuna intergeracional.

CONCLUSÕES

No presente estudo, a dinâmica relacional do adolescente configurou-se como ponto de partida para a compreensão das relações pais e filhos. Esta foi a premissa implícita à pergunta apresentada aos participantes da investigação: “O que é ser adolescente em Salvador hoje?” seguida pela questão: “Na sua opinião, como se dá as relações entre pais e filhos adolescentes?”. As respostas dos adolescentes revelaram suas próprias experiências, expectativas e conteúdos analisados em torno dos eixos narrativos, sociabilidade e intergeracionalidade em suas respectivas dimensões. A sociabilidade esteve relacionada a diversos fatores que se entrelaçam e se complementam. De acordo com os achados do estudo e da literatura revista, a identidade do adolescente constrói-se na vivência do espaço, na interação com os pares e no intercâmbio de experiências e valores, o que, de certo modo, independe da camada social e do gênero. O que permanece como elemento de diferenciação é a forma como cada jovem vivencia a socialização, ou seja, como lida com a amizade, como se identifica e se relaciona com a moda e as tecnologias, a temporalidade e como percebe sua inserção na sociedade contemporânea.

De uma forma geral, o adolescente reconhece em si um potencial de vitalidade e percebe a adolescência como uma fase singular e passageira, por isso está em constante busca de explorar espaços através de novas experiências, o que, para eles, é sinônimo de liberdade. Este aspecto é relevante para a forma como o jovem lida com o tempo, o que é diferente entre camada popular e média. Em geral, o tempo esteve relacionado com o trabalho e com o futuro. Os adolescentes de camada popular, principalmente, os rapazes, ingressam na adolescência com a expectativa de trabalhar e contribuir para o sustento da família, em resposta à expectativa criada pelos pais desde a infância. Trata-se de uma especificidade associada às condições financeiras das famílias, que decorre da possibilidade de ampliar o consumo e melhorar o orçamento doméstico. Este aspecto induz a certo paradoxo na relação que estes adolescentes têm com o futuro. Por um lado, sentem-se corresponsáveis pelo provimento do lar e, por outro lado, sonham em cursar a universidade e crescer profissionalmente. As meninas de camada popular não demonstraram sentirem-se pressionadas a trabalhar para contribuir com as despesas domésticas, fato que aponta diferenças na forma como os pais lidam com os filhos no que se refere ao gênero. Os adolescentes de camada média, em sua maioria, tanto meninos, quanto meninas têm uma

relação com o trabalho na perspectiva de um tempo futuro, o que propicia maior possibilidade para desfrutarem e vivenciarem o tempo da adolescência com maior liberdade.

O intercâmbio entre os valores recebidos na família e aqueles concebidos a partir da sociabilidade cria certo desconforto entre as duas gerações. Há um paradoxo entre as necessidades dos adolescentes, ora evidenciadas pelos entrevistados, e a postura dos pais a seu respeito. Estes, na maioria dos casos, são vistos pelos filhos como envolvidos em uma rotina diária de trabalho, na qual investem grande parte do tempo em busca de ascensão profissional. Os adolescentes das duas camadas socioeconômicas percebem os pais como estressados, autoritários, taxativos em cobranças repetitivas tais quais: estudos, organização, cuidados com os perigos oferecidos pela sociedade. Neste contexto, os pais são vistos pelos adolescentes como distantes e alheios aos seus sentimentos mais profundos. De acordo com a percepção dos filhos, os pais não demonstram sensibilidade e/ou interesse para perceber o que o adolescente está sentindo diante de grandes transformações e desafios advindos do modo de vida contemporâneo. Esta queixa é mais comum nas narrativas das meninas do que nas dos meninos.

Alguns estigmas referentes à adolescência configuram-se como fonte de confronto entre as gerações. Os filhos também discordam do comportamento de posse dos pais para com eles, já que, muitas vezes, são tratados como crianças e rotulados como incapazes de avançarem sozinhos, resolver problemas e enfrentar desafios. Os pais são inseguros em deixar os filhos explorarem seus espaços. O diálogo entre pais e filhos é negligenciado, em grande proporção, pelos pais, isso se dá, principalmente, devido ao intenso ritmo de estilo de vida das famílias contemporâneas. Independente de camada social e gênero, os adolescentes percebem uma lacuna na relação com os seus pais, não sentem abertura para conversar e não confiam nos pais. Esta foi uma constante entre as camadas sociais, mas com relação ao gênero, os meninos lidam melhor com a situação, enquanto as meninas se mostraram mais sensíveis e carentes da atenção dos pais.

Os adolescentes de camada média e, em maior proporção, as meninas, atribuíram aos pais uma grande preocupação com o direcionamento do futuro dos filhos, especialmente no que diz respeito ao crescimento profissional e a uma posição econômica de maior *status*. Assim, o diálogo com os filhos foi qualificado como restrito a cobranças diárias e intensas, sobre os avanços que os filhos precisam dar para alcançar estas metas. Neste ínterim, os pais se esquecem de olhar para os filhos em sua totalidade e singularidade, de perceber suas reais necessidades e de compreender seus sentimentos mais subjetivos e profundos. Este

distanciamento predispõe ao comportamento aversivo dos filhos para com suas figuras parentais, aumentando as dúvidas a respeito do valor da existência e a sensação de vazio e falta de sentido. Na maioria dos casos, os adolescentes buscam preencher esta lacuna através da interação social e encontram como principal fonte de suporte emocional, a presença física e o apoio de tios e avós.

Na percepção dos adolescentes das duas camadas socioeconômicas, os conflitos entre pais e filhos frequentemente emergem das controvérsias de valores entre as gerações as quais podem ser contornadas com certa naturalidade. As relações com os pais, na maioria dos casos, são equilibradas, exceto nos casos em que a postura dos pais para com os filhos carece de afeto e vínculo. Estas relações são permeadas por atitudes agressivas entre pais e filhos, propiciando um sentimento de raiva e rancor de ambas as partes, dificilmente reversível.

Os adolescentes também percebem a relação com os pais fragilizada pela ausência de diálogo, pois não entendem suas necessidades frente às diversas formas de vivenciar a adolescência e diante da carência de programações de lazer e descontração entre pais e filhos já esquecidas. As famílias pós-modernas estão inseridas em um contexto que não prioriza o encontro intergeracional, evidenciado principalmente pela falta de interesse dos pais por suas dificuldades e pela essência de seus sentimentos.

Desta forma, os resultados deste estudo apontaram para demandas de reflexão e de intervenção nas relações entre pais e filhos. Do ponto de vista científico, considera-se que o tema merece ser investigado com maior profundidade por pesquisadores que estudam adolescência, e, em especial, as relações parento-filiais sob a perspectiva dos filhos, a fim de priorizar a subjetividade do adolescente em momentos do ciclo de vida analisados segundo gênero e camada social. Este estudo também contribuiu para uma reflexão sobre a forma como os filhos percebem o comportamento dos pais sobre eles, no momento em que ingressam na adolescência, relevando diversos fatores que permeiam a dinâmica do adolescente diante dos contextos sociais e relacionais e de que forma estes fatores influenciam nas relações parento-filiais. No âmbito destas relações, o estudo refletiu principalmente a angústia dos filhos frente às lacunas entre as gerações, consolidada pelos estilos contemporâneos de organização da vida familiar. Este conjunto de questões merece ser tratado no âmbito da educação integral, no horizonte de propostas voltadas para análise e intervenção da vida familiar pautadas no paradigma da prevenção e da promoção de direitos fundamentais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Izabel Mendes de. “Zoar” e ” ficar”: novos termos da sociabilidade jovem. In: **Culturas jovens: Novos Mapas do afeto**. MACHADO, Maria Izabel; EUGÊNIO, Fernanda (orgs). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BAUER, Martin W. ; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- BIAGGIO, Ângela M. Brasil. **Psicologia do desenvolvimento**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaio de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003
- BRANDÃO, Elaine Reis. Gravidez na adolescência nas camadas médias: um olhar alternativo. In: **Culturas jovens: Novos mapas do afeto**. MACHADO, Maria Izabel; EUGÊNIO, Fernanda (orgs). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BRASIL. Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, DF, 1990.
- BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CANEVACCI, Massimo. A comunicação entre corpos metrópoles. **Revista signos do consumo**. São Paulo, v.1 n.1, p. 8-20, 2009.
- CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.
- CASTRO, Mary Garcia. Quebrando mitos: juventude, participação e políticas. Perfil, percepções e recomendações dos participantes da 1ª conferência nacional da juventude. Brasília: Ritla, 2009.
- COSLIN, Pierre G. **Psicologia do adolescente**. Tradução de Rui Pacheco. Coleção epigênese, desenvolvimento e psicologia. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- COZBY, Paul C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. Tradução de Paula Inez Cunha Gomide. São Paulo: Atlas, 2009.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto**. Tradução de Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DONATI, Pierpaolo. **Família no século XXI: abordagem relacional**. Tradução de João Carlos Petrini. São Paulo: Paulinas, 2008.

DOS SANTOS, R. M.; NASCIMENTO, M. A.; MENEZES, J. de A. Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife. **Revista Latino americana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**. Menizales, v. 10, n. 1, p. 289-300, mar. 2012.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahah, 1994.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. A Periodização do Desenvolvimento Psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigostski. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, abr. 2004. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/ccedes/v24n62/20092.pdf>>. Acesso em: 21 nov. 2010.

FALCÃO, Deusivania Vieira da Silva; DIAS, Cristina Maria de Souza Brito (orgs.) **Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas**. Vol 1, São Paulo: casa do psicólogo, 2006.

FÉRES-CARNEIRO, T; MAGALHÃES, A. S. Novas configurações familiares e as repercussões em psicoterapia de família. **Revista Brasileira de psicologia**. Rio Grande do Sul, v.10, p.7-16, 2008.

FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra: etnografia e relações de gênero e violência em grupos populares**. 2 ed. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

FADIMAN, James; FRAGER, Robert. **Teorias da personalidade**. Tradução de Camila Pedral Sampaio. São Paulo, Harbra, 1986.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **O direito de ser adolescente: oportunidade para reduzir a vulnerabilidade e superar desigualdades**. Brasília: UNICEF, 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

HABIGZANG, Luísa; DINIZ, Eva; HABIGZANG; DINIZ; KOLLER, Silvia H. (Orgs). **Trabalhando com adolescentes: teoria e intervenção psicológica**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança na educação e projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**. Rio de Janeiro, 2010.

_____. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro, 2013.

JOVCHELOVITCH, S. ; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: BAUER, M. W. ; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

KALOUSTIAN, S.M (org). **Família Brasileira a base de tudo**. 7 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

- LATTARI, Mariza Conceição Grassano. **Experiências no espaço escolar**: os usos da escola por jovens das camadas populares no ensino médio. 2011. 182 f. Dissertação (Mestrado) Educação. Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2011.
- LERNER, Hugo et. al. **Adolescências: trayectorias turbulentas**. Buenos Aires: Paidós, 2006.
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- MARTINS, Francisco André Silva; DAYRELL, Juarez Tarcísio. Juventude e participação: o grêmio estudantil como espaço educativo. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1267-1282, out. 2013.
- MATOS, Margarida Gaspar de. A saúde do adolescente: o que se sabe e quais são os novos desafios. **Análise Psicológica**. Lisboa, v 26, n. 2, p. 257-263, abr, 2008.
- MOTTA, Alda Britto da; AZEVEDO, Eulália Lima; GOMES, Márcia (Orgs.). **Reparando a falta**: dinâmica de gênero em perspectiva geracional. Salvador: UFBA, 2005.
- PACHECO, Janaína T. B.; SILVEIRA, Luiza Maria de O. Braga; SCHNEIDER, Andréia M. de Almeida. Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. **Psico**. Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 66-73, mar. 2008.
- PAIS, José Machado. Busca de si: expressividade e identidades juvenis. In: **Culturas Jovens: Novos Mapas do afeto**. MACHADO, Maria Izabel; EUGÊNIO, Fernanda (orgs). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- _____. A esperança em gerações de futuro sombrio. **Estudos Avançados**. São Paulo, v.26, n. 75, p. 268-280, maio, 2012.
- PAIVA, Fernando Santana de. **Adolescência e consumo de álcool estilos parentais de socialização**: risco ou proteção? 2009. Dissertação. (Mestrado em saúde coletiva) – Escola de Medicina, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.
- PALÁCIOS, J. O que é a adolescência. In C. Coll, J. Palácios & A. Marchesi (Orgs.), **Desenvolvimento psicológico e educação**: psicologia evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 263-272.
- PETRINI, J. C. **Pós Modernidade e Família**: um itinerário de compreensão. Bauru-SP: EDUSC, 2003.
- PORTINARI, Denise; COUTINHO, Fernanda Ribeiro. A roupa faz o homem: a moda como questão. In: **Culturas Jovens: Novos mapas do afeto**. MACHADO, Maria Izabel; EUGÊNIO, Fernanda (orgs). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- PRATTA, Elisângela Maria Machado; SANTOS, Manoel Antonio. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, ago. 2007.
- RAITZ, Tânia Regina; PETTERS, Luciane C. F. Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família. **Psicologia & Sociedade**. Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 408-416, dez. 2008.

RAPPAPORT, C. R.; FIORI, W. R.; DAVIS, C. (Orgs.) **Psicologia do desenvolvimento**. A idade Escolar e a Adolescência. Vol. 4. São Paulo: EPU, 1981-1982.

RICOEUR, Paul. Do texto a acção: ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés Editora, 1989.

SCABINI, Eugenia; RANIERI, Sonia. Família com filhos adolescentes: a perspectiva relacional. Tradução de Miriã Alves Ramos de Alcântara. In: **Família e parentalidade: olhares da psicologia e da história**. Curitiba: Juruá Editora, 2011.

SILVA, D. F. M.; HUTZ, C. S. Abuso infantil e comportamento delinquente na adolescência: Prevenção e intervenção. In: Hutz, C. S. (Org.). **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência**: Aspectos teóricos e estratégias de intervenção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

SPRINTHALL, Norman A. ; COLLINS, Andrew. **Psicologia do adolescente**: uma abordagem desenvolvimentista. Tradução de Cristina Maria Coimbra Vieira. 3 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

STENGEL, Márcia. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 502-521, dez. 2011.

WASELFISZ; Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012**: crianças e adolescentes do Brasil. Rio de Janeiro: Cebela, 2012.

WELLER, Vivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Sociedade e estado**. Brasília, v 25, n. 2, p. 205-224, maio, 2010.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Instrumento de entrevista

Questões disparadoras:

1. Na sua opinião, o que significa ser adolescente hoje em Salvador?;
2. Como você percebe a relação com os pais quando os filhos entram na adolescência?

APÊNDICE B - TCLE – Termo de consentimento livre e esclarecido

Meu filho está sendo convidado a participar de um estudo denominado: *Relação pais e filhos adolescentes na sociedade contemporânea*. Um estudo sobre o olhar dos adolescentes, cujos objetivos São: Analisar as narrativas dos adolescentes acerca da relação com os pais, identificando e descrevendo a forma como os adolescentes interagem com diversos contextos de socialização. A proposição deste objeto de investigação nasce da constatação de uma lacuna da literatura especializada frente à crescente demanda de pais que relatam em consultórios de psicologia, Serviços de Orientação pedagógica em escolas e em reuniões sociais, não saber lidar com filhos adolescentes. As principais dificuldades são os novos padrões de valores e comportamentos dos adolescentes frente aos quais os pais se mostram angustiados, passando a monitorar com maior precisão seus filhos, o que geralmente implica em conflitos. Surgiu, então, o intuito de analisar como os pais percebem as mudanças de comportamento dos filhos adolescentes. Posteriormente, percebe-se a necessidade que o jovem tem de expressar-se e colocar seu ponto de vista sobre as questões vivenciadas pelo adolescente e sua visão a respeito do comportamento dos pais sobre os filhos. Desta forma, decidiu-se dar voz aos adolescentes.

A participação de meu filho no referido estudo será no sentido de relatar sua percepção sobre o tema (relação pais e filhos na sociedade contemporânea). Será feita uma entrevista , através da qual a entrevistadora fará uma pergunta e o entrevistado falará livremente sobre o tema) A entrevista terá duração de em média 30 a 45 m.

Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como: (descrever os benefícios esperados, sempre em linguagem acessível ao leigo). Recebi, por outro lado, os esclarecimentos necessários sobre os possíveis desconfortos e riscos decorrentes do estudo, levando-se em conta que é uma pesquisa, e os resultados positivos ou negativos somente serão obtidos após a sua realização. Assim, a pesquisa não oferece risco à saúde de meu filho e qualquer desconforto psicológico que por ventura ocorrer durante, ou em qualquer outro momento após a entrevista, a pesquisadora enquanto psicóloga dará suporte necessário e fará os devidos encaminhamentos. É reservado ao meu filho o direito de não responder qualquer pergunta que não seja de sua vontade, assim como de desistir de sua participação a qualquer momento, sem sofrer nenhum dano. Estou ciente de que a privacidade de meu filho será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o identificar, será mantido em sigilo. Também fui informado de que ele pode se recusar a participar do estudo, ou eu posso retirar meu consentimento a qualquer

momento, sem precisar justificar, e se, desejar sair da pesquisa, não sofrerá qualquer prejuízo, ele continuará recebendo a assistência necessária.

Os pesquisadores envolvidos com o referido projeto são: Daniela Maria Ladeira Reis – mestranda em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador e Dra. Miriã Alves Ramos de Alcântara – orientadora e coordenadora do Programa de Pós graduação em Família na sociedade contemporânea da Universidade Católica do Salvador) e com eles poderei manter contato pelos telefones: 71-92170942 e 71-81089835. Será assegurada a meu filho a assistência durante toda pesquisa, bem como nos é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu e meu filho quisermos saber antes, durante e depois da participação. Enfim, tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento quanto a participação de meu filho, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação.

De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei. Cidade, ... de ... de 2013.

Responsáveis pela pesquisa:

Daniela Maria Ladeira Reis

Dra. Miriã Alves Ramos de Alcântara